

ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO
DE
SÃO GASPAR BERTONI

5

A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE SÃO
GASPAS BERTONI

PE. IGNAZIO BONETTI, CSS

DOCENTE DE TEOLOGIA
NO STUDIO TEOLOGICO INTERRELIGIOSO PUGLIESE, BARI

Idioma original: Italiano

Tradutor para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Impressa: 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2004

ÍNDICE

| | |
|--|------------|
| Primeira parte: Oração e vida | 136 |
| a. A respiração da alma | 137 |
| 1. Por que uma respiração da Alma? | 137 |
| 2. “Converter a estadia na terra em um esboço do céu” | 137 |
| 3. O espírito de Oração | 138 |
| 4. Coerência entre ensinamento e esforço pessoal | 139 |
| 5. Recolhimento e silêncio | 139 |
| b. Oração contínua e atividade cotidiana | 140 |
| 1. A escolha missionária de Pe. Gaspar | 140 |
| 2. Também o Leigo é chamado à oração contínua | 141 |
| 3. Um teste exemplar: a correspondência Bertoni - Naudet | 142 |
| 4. O “único necessário” e “as bagatelas” | 143 |
| c. Da abundância do coração | 144 |
| 1. Vôos do espírito | 144 |
| 2. Tudo é graça | 146 |
| Segunda parte: A oração e as orações | 146 |
| a. A meditação da Palavra de Deus | 147 |
| 1. Necessidade da meditação | 147 |
| 2. Espírito interior e Obras externas de caridade | 148 |
| 3. O método de oração | 149 |
| b. Liturgia | 151 |
| 1. A Eucaristia | 151 |
| 2. Eucaristia e contemplação | 151 |
| 3. Eucaristia e vida | 153 |
| 4. O Ofício divino | 154 |
| 5. Zelo para com o aparato litúrgico | 155 |

| | |
|--|------------|
| c. Piedosos exercícios | 156 |
| 1. A via sacra | 156 |
| 2. O exercício da Boa Morte em honra da Paixão | 157 |
| 3. O rosário mariano | 158 |
| Terceira parte: O sacerdote e a oração | 159 |
| a. Os negócios de Deus | 159 |
| 1. O sacerdote instrumento de Cristo para a salvação dos irmãos | 159 |
| 2. União com Deus e ministério da Palavra | 160 |
| 3. “O que de menos cuidam os sacerdotes: a oração” | 161 |
| b. Como “levar a escada” não só para os outros | 162 |
| 1. O exercício do ministério deve antes de tudo santificar o sacerdote | 162 |
| 2. A celebração da Eucaristia, fonte principal de santidade sacerdotal | 163 |
| c. Empenho de coerência entre o dizer e o fazer | 164 |
| 1. Cultura e piedade no sacerdote | 164 |
| 2. Não bastam belos projetos: são necessárias obras | 165 |
| Notas | 167 |

A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. IGNAZIO BONETTI, CSS

O material disponível sobre o tema do ensinamento e experiência de Pe. Gaspar, em relação à oração é relativamente abundante.

Além de numerosos testemunhos ocasionais, seus e de contemporâneos, existem ainda muitos escritos seus, nos quais o argumento da oração, em geral ou em particular, é apresentado de maneira orgânica.

A nossa intenção aqui não é fazer um estudo sistemático sobre a doutrina bertoniana relativa à oração; mesmo porque Pe. Gaspar limita-se propositalmente a expor os ensinamentos tradicionais de maneira muito eclética; não obstante com uma preferência marcada pela espiritualidade inaciana. Pode-se dizer que seus escritos são mais uma antologia de textos extraídos da Bíblia, das obras dos Padres, dos Teólogos, dos Místicos.

Tentaremos, ao invés, ressaltar alguns aspectos do seu ensinamento e da sua experiência pessoal que se apresentam, sentindo nosso parecer, mais característicos; seja porque citados com maior insistência, seja porque coligados com mais íntima coerência aos temas fundamentais da sua espiritualidade.

I PARTE

ORAÇÃO E VIDA

"A Oração é como a vida da nossa vida e alma da nossa alma. É como a respiração: "Abri minha boca e atraí teu espírito" (1). Assim em poucas palavras essenciais e incisivas, Pe. Gaspar anunciava um princípio que é, talvez, a base de todo o seu ensinamento sobre a oração: isto é, a exigência que a oração esteja estreitamente unida com a vida vivida, de tal modo que todos os momentos da existência e da atividade humana tornem-se impregnados da presença de Deus, e assim se possa realizar o ideal da constante união com Ele, da oração contínua.

Ao princípio doutrinal junta-se o testemunho dado pelo seu primeiro biógrafo sobre a experiência por ele vivida. Escreve o Giacobbe: "A oração, tanto vocal como mental, era-lhe familiar, ou direi melhor, por uma prática e hábito contínuo..., conatural. Aquela mente que de fato desde jovem, habituara-se a informá-la e fecundá-la na inexaurível é puríssima fonte das Escrituras divinas, aquele grande coração que não era capaz de outra coisa senão do amor de Deus e das coisas divinas, sentiam uma necessidade imensa, uma irresistível tendência de incendiar-se naquele grande fogo divino que é a meditação das verdades celestiais. E fruto desta sua meditação, era o que se sentia nos seus sermões, nas exortações públicas e

privadas nas quais, ao mesmo tempo em que te inspirava admiração, te induzia, também, à prática daquilo que ele pregava" (2).

Se se toma em consideração o fato de que o Concílio Vaticano II quis renovar profundamente a oração, litúrgica e não litúrgica, e o fez sobretudo com a finalidade de superar o ritualismo e o formalismo para favorecer ao máximo a união entre oração e vida (3), pode-se dizer que o testemunho, oferecido por Pe. Gaspar com sua doutrina e sua experiência apresenta também um notável caráter de atualidade.

a) "A RESPIRAÇÃO DA ALMA"

1. POR QUE UMA RESPIRAÇÃO DA ALMA?

A imagem da "respiração" com que Pe. Gaspar exprime o significado profundo da oração, "vida da nossa vida e alma da nossa alma" parece extremamente eficaz para indicar a estreita conexão que estabelece entre a oração e a vida. Como a respiração, a oração é destinada a oxigenar todo o organismo da vida humana, compenetrando-lhe as fases e os momentos com a presença do Espírito; e para poder operar efetivamente tal compenetração deve ter, como a respiração, um ritmo de incessante continuidade. Trata-se, como é conhecido, de uma imagem absolutamente tradicional, e bem familiar a toda a espiritualidade cristã. Mas o ensinamento de Pe. Gaspar, a propósito, caracteriza-se pela forte insistência com que retorna sobre este tema e sobretudo pela riqueza dos motivos, doutrinários e práticos, com que soube desenvolvê-lo.

À L. Naudet, em um momento para ela difícil em que estava preocupada com o problema de garantir para seu grupo a continuidade da direção espiritual (4), Pe. Gaspar recomenda naturalmente rezar. "Digamos ao Senhor - assim em uma das primeiras cartas à fundadora das Irmãs da S. Família - com grande confiança amorosa: "Dê o que manda e mande o que quiser (5). Aquelas palavras são todas espírito. Que faremos nós? "Abri minha boca e atraí teu espírito". Abrir a boca para a oração, é atrair a abundância do Espírito" (6). Mas, como se vê, a oração sugerida por Pe. Gaspar não é somente um pedido para obter de Deus a concessão de uma graça; ele é o encontro filial com Deus, cheio de abandono, que visa antes de tudo introduzir o Pai com seu Espírito no contexto da vida, para que esta seja iluminada pela Sua luz e compenetrada pelo Seu dom de amor e confiança.

2. "CONVERTER A ESTADIA NA TERRA EM UM ESBOÇO DO CÉU"

A piedosa fundadora, que por sua conta já agia em sintonia com o diretor espiritual - justamente naqueles dias estava empenhada, como aparece no seu Giornale, em "estar com o espírito sempre no alto, apoiada e repousada sempre Nele, mantendo aqui na terra só o corpo, espiritualizando assim todas as ações..." 7) - pegou no ar a sugestão oferecida por ele, e pediu logo que lhe explicasse o significado com palavras mais detalhadas. Pe. Gaspar respondeu imediatamente: "Quanto à oração, e ao abrir minha boca e atrair teu espírito, o Espírito Santo responde como se pode fazer: Nada te impeça de rezar sempre. É necessário rezar

sempre sem se cansar. Rezai incessantemente (8). Parece-me que a oração ajudará a oração: o cuidado em fazê-la atrairá maior abundância do Espírito. E este Espírito ajuda a nossa fraqueza (9); de tal modo que possamos, ainda aqui na terra, oferecer o sacrifício perpétuo e perene, e o holocausto que de si mesmos oferecem os Espíritos Bem-aventurados e os Santos, no céu, diante de Deus: O fogo deve sempre manter-se aceso sobre o altar (10). Todos os Servos de Deus, exilados e peregrinos nesta terra, assim o fizeram. Com a força e os auxílios que eles conseguiram, também nós conseguiremos. E já que isto agrada a Deus, e torna-se em glória para Ele, e Ele nos ordena, basta isto para que se possa fazê-la". (11).

A atitude sugerida por Pe. Gaspar à Naudet é pois a de uma oração contínua: que realize já sobre a terra, quanto seja possível, "ó sacrifícios perpétuos e perene dos Santos no Céu diante de Deus". Esta é uma idéia que Pe. Gaspar reforça ainda. "Neste breve tempo em que esperamos a nossa assunção ao deus Reino - escreve à Naudet - vivemos como Anjos, embora sejamos ainda homens, e convertamos a estadia na terra em um esboço do Céu; para mostrar como devemos começar a viver, ainda na terra. Seja bendito e glorificado seu Santo nome pelas nossas línguas e pela nossa vida, para sempre" (12).

Nestes textos Pe. Gaspar mostra também com clareza e precisão, embora com palavras simples e sem pretensões sistemáticas, o fundamento teológico objetivo em que apoia a visão da oração como "respiração" da alma. Se a vida eterna na perfeita e beatífica comunhão com o Pai e com os irmãos é o ponto de chegada e a coroação de um caminho iniciado já aqui na terra com o Batismo e levado adiante com o empenho de amadurecer constantemente em Cristo o germe da vida nova, compreende-se como esta mesma vida terrena do Cristão deva transformar-se "quase em um esboço do céu", e seja mesmo possível "também aqui na terra oferecer o sacrifício perpétuo e perene, e o holocausto que de si mesmos oferecem os Bem-aventurados Espíritos e os Santos no céu, diante de Deus", tornando assim a vida, já aqui, uma incessante oração.

3. O ESPÍRITO DE ORAÇÃO

Além do fundamento teológico, Pe. Gaspar parece sugerir nos textos agora citados, também uma indicação concreta sobre o significado preciso que se deve atribuir à imagem que representa a oração como "respiração" da alma.

Dizendo que "a oração ajudará a oração; a diligência em fazê-la atrairá maior abundância do Espírito", Pe. Gaspar parece referir-se claramente à distração que é posta entre oração entendida como exercício de uma atividade espiritual bem determinada, desenvolvida em tempos certos e com formas próprias, e a oração entendida ao invés como "espírito de oração", que é uma atitude de fé e de amor destinada a animar todas as atividades e todos os momentos da existência cristã, e que se apresenta, portanto não como um fato episódico, embora assíduo, mas como uma dimensão constante da vida.

A imagem da "respiração" aplica-se em sentido próprio e direto, evidentemente, ao espírito de oração; ao qual compete animar toda a vida e atividade do cristão. O exercício de determinadas orações tem uma função essencialmente relativa a respeito do espírito de oração - "a oração ajudará a oração", diz justamente Pe. Gaspar e é portanto, instrumento para alimentar aquele mesmo espírito.

4. COERÊNCIA ENTRE ENSINAMENTO E ESFORÇO PESSOAL

O que ensinava aos outros Pe. Gaspar procurava seriamente executá-lo na sua experiência espiritual. "Ele caminhava sempre na presença de Deus", afirma dele o Pe. Lenotti (13). "Em tudo o que havia em si, ou fora de si, não via outra coisa senão Deus - afirma por sua vez o Pe. Giacobbe - e Deus lhe falava em tudo. Por isso era visto muito freqüentemente andar com a cabeça descoberta pelas ruas...; e em qualquer lugar jamais foi surpreendido senão comportado e quase em atitude de oração diante da divina Majestade, que pela sua fé viva, ele via e sentia presente em todo lugar" (14). É sintomático o fato de que ele anotasse com tom de autocrítica as circunstâncias em que se encontrava "distráido" da sua habitual caminhada na presença de Deus, e procurasse imediatamente renovar o bom propósito. "Lendo eu algo sobre a presença interior de Deus, isto é, se Ele está dentro de nós, não há necessidade do sair fora para procurá-lo..., provei com isso muito sentimento e grande recolhimento, que durou algum tempo depois, ainda que, como de costume, tenha-se distraído um pouco; e grande desejo de agradar em tudo Sua Divina Majestade" (15). Ao final de um dia talvez um pouco mais sobrecarregado que de costume, ele renova assim o seu propósito: "Amanhã vou procurar ser mais diligente, realizando todas as atividades por puro amor e para agradar a Deus" (16).

Como comentário desta última nota do Memorial Privado, o Pe. Stofella observa: "Dir-se-ia o objeto do seu exame particular" (17). A verossimilhança da hipótese do Pe. Stofella confirma-se com o fato de que pouco antes Pe. Gaspar havia marcado a mesma obrigação como objeto do exame particular à L. Naudet, quando assumiu a direção espiritual da piedosa fundadora. De fato ela anota no seu "Giornale", pela metade de janeiro de 1811, que o diretor espiritual lhe havia "prescrito para exame particular: considerar-se sempre na presença de Deus, e fazer o que se sabe ser do seu agrado" (18).

5. RECOLHIMENTO E SILÊNCIO

À luz dessa exigência de base compreende-se também a atenção assídua com que Pe. Gaspar cuidava do recolhimento e do silêncio, da modéstia do comportamento exterior, da prudência no trato com o povo, embora sem sombra de peso ou de misantropia. "O cuidado com o silêncio - escreve à L. Naudet - a brevidade nas conversas, o esquivar-se dos modos burlescos; é ter o ouvido pronto para a palavra suavíssima do nosso Criador" (19). Interessante, também sua observação sobre o comportamento exterior: "Quem deseja um recolhimento interior, deve buscá-lo na modéstia exterior; não distraído-se com olhares, nem

movimentando-se inconvenientemente" (20). "O nosso andar - escrevera um pouco antes no mesmo dia - deve ser pausado, e não apressado e afetado" (21).

Nas Constituições ele inserirá uma sessão inteira, a III sessão da VII parte, sobre o tema da "quádrupla modéstia"; vista antes de tudo na sua natural relação com a castidade consagrada, mas também na perspectiva mais profunda como coeficiente importante na relação com Deus, "Cultivem todos a modéstia em tudo - prescreve a CF 120 - de tal modo que ela apareça aos olhos de cada um, em casa ou fora, para o louvor de Deus". Fazem parte da quádrupla modéstia, segundo Pe. Gaspar - que segue de perto o ensinamento de S. Tomás neste ponto - a humildade, a estudiosidade, a moderação dos sentidos, a moderação na aparência externa (22). Os testemunhos que ilustram o comportamento de Pe. Gaspar são muito eloqüentes, e impressionam também pela sua continuidade. No Memorial Privado, que reflete a idade ainda jovem, são numerosas as anotações relativas ao cuidado com o recolhimento; que é sentido como um dom de Deus, talvez ainda ligado com algum fenômeno de provável natureza mística, mas que ao mesmo tempo traz consigo um grande esforço pessoal de correspondência. "Lágrimas durante a missa e recolhimento após; e silêncio": assim no dia 10 de outubro de 1808 (23). De Pe. Gaspar, já idoso, o Pe. Lenotti testemunha, depois de ter dito que caminhava sempre na presença de Deus: "Porisso quando andava pela cidade podia ser visto com o chapéu na mão... De quando em quando, havendo ocasião, saía com certos afetos devotos, e sentimentos ternos e fortes de compunção, com um tal brilho externo dos olhos, na compostura da pessoa, no rosto, que dava conforto e devoção, e mostrava suficientemente o espírito do Senhor do qual estava repleto" (24).

b) ORAÇÃO CONTÍNUA E ATIVIDADE COTIDIANA

1. A ESCOLHA MISSIONÁRIA DE PE. GASPAR

Para poder apreciar plenamente o alcance das indicações de Pe. Gaspar sobre a oração contínua, capaz de tornar "vida da nossa vida", "alma da nossa alma", "respiração" do cristão, é bom lembrar que ele escolheu para si não a vida contemplativa, mas a apostólica e missionária; e que o seu ensinamento sobre a oração é dirigida a confrades empenhados como ele na missão apostólica, a sacerdotes com o cuidado de almas, a pessoas que como Leopoldina Naudet, estavam mergulhadas no trabalho e nas preocupações inerentes a grandes responsabilidades. É neste contexto de vivo empenho pela atividade que se coloca o apelo de Pe. Gaspar à oração contínua. Ao contrário, pode-se afirmar sem mais que a força e a firmeza de tal apelo está justamente nisto: em lembrar que o ideal da oração contínua, destinado a "converter a estadia na terra em um esboço do Céu", não é reservado àqueles poucos que tiveram a vocação privilegiada à vida contemplativa, mas é acessível a todos os cristãos. Para todos, de fato, é possível através da atuação de um oportuno programa de exercícios de piedade, animar a própria vida e atividades com um constante espírito de oração.

Que Pe. Gaspar tomasse a sério a sua vocação missionária e o empenho na atividade, fica bem claro do que dele escreveu seu biógrafo. Mas impressiona o fato de que ele coloque a base, mesmo em nível de reflexão teológica e de direção espiritual, sobre a exigência de aplicar-se ao próprio trabalho com fidelidade e dedicação; mesmo a custo de interromper, quando urgir a necessidade, o exercício da oração. "É necessário que Vossa Senhoria com muita discrição abandone os sentidos - escreve à Naudet, que o interrogara como devesse regular-se quando sentia-se atraída pela oração até o êxtase e o abandono, justamente dos sentidos - lá onde é suficiente estar o coração só por poucos momentos. Virá o dia em que coração e sentidos ficarão inebriados por aquela fonte de felicidade. Mas no entanto, para conseguí-la - sendo paga e prêmio - convém trabalhar em servir este Deus tão bom, ajudá-lo na sua obra, pela qual enviou Ele ao mundo até o Seu Filho... Se quer um exemplo, o encontrará no Santo que a Senhora quer imitar, o qual deixou a doce solidão em que tinha tão doces entretenimentos com seu Senhor e a mais doce contemplação, pela ação mais viva e eficaz no meio do mundo" (25). Nesta linha coloca-se também a reflexão anotada no Memorial Privado, relativa ao não fácil problema prático de estabelecer um justo equilíbrio entre o tempo a ser dedicado aos exercícios de piedade e o de empenhar-se no trabalho. "Os que são muito inclinados à ação - havia anotado no dia 12 de junho de 1808 - devem ser alertados para a oração; os que se apegam demais à oração convém impeli-los à ação" (26).

Mas no mesmo ato que sustenta assim decididamente a importância do empenho na ação, Pe. Gaspar revigora com não menor decisão e clareza a necessidade de que a ação seja animada pelo espírito de oração; para que se possa realizar o ideal da oração contínua.

2. TAMBÉM O LEIGO É CHAMADO À ORAÇÃO CONTÍNUA

Em uma das belíssimas pregações juvenis, extraídas da Filotea de S. Francisco de Sales e inspirada no seu "humanismo devoto", ele exprime com paixão a certeza de que é possível ao verdadeiro cristão - e se percebe claramente que o discurso é dirigido a um auditório de leigos - realizar a oração contínua compenetrando toda atividade com o espírito de oração; e é também significativo que já neste texto se encontre um aceno ao fundamento teológico de tal possibilidade, enquanto a vida terrena do cristão quer ser um esboço do paraíso. "A devoção tem igualmente asas para voar ao céu - afirma o jovem Pe. Gaspar - e pés para caminhar na terra; e enquanto tem as mãos continuamente em movimento para agir, sabe também repousar tranqüilamente com seu coração em Deus. Tem olhos para velar, para presidir, para dirigir-se nos deveres temporais; e tem também um outro olhar mais agudo de sua mente com o qual jamais perde de vista seu último fim, para conciliar-se com o divino beneplácito em toda sua ação e para endereçar tudo para Sua glória. Tem língua para falar com os homens e também secretamente na alma, quase como outras tantas bocas, todas suas potências interiores, para não mais cessar de louvar e bendizer o seu Deus. Trata assim com o mundo e conversa com seu espírito nos céus, emulando por assim dizer aqueles bem-aventurados concidadãos. Antes, atraindo o seu Deus para si por amor, encontra-se em si e o possui na abundância de paz, e desfruta ainda na terra um outro paraíso" (27).

3. UM TESTE EXEMPLAR: A CORRESPONDÊNCIA BERTONI - NAUDET

A alentada correspondência epistolar de Pe. Gaspar com L. Naudet (28), da qual já retiramos algumas das mais profundas amostras do princípio, apresenta-se também como um teste no qual é possível colher ao vivo e nos termos mais concretos o significado da oração contínua, do entrelaçamento entre atividade cotidiana e espírito de oração, como era concebida, ensinada, vivida por ele. Impressiona em tal correspondência, sobretudo a naturalidade com que Pe. Gaspar passa da atenção dos aspectos mais práticos e mesmo técnicos dos problemas - que ele toma sempre muito a sério, demonstrando interesse, competência e habilidade muitas vezes surpreendentes - à perspectiva da fé, que o faz encontrar sempre o meio de inserir no âmago dos problemas e dos afazeres a presença do Espírito.

O período de tempo, daquela correspondência compreende os anos cruciais da fundação, pela Naudet, do Instituto das Irmãs da Sagrada Família; e nas cartas da fundadora a Pe. Gaspar apresenta-se com enorme variedade de problemas, que giram do campo da direção espiritual ao da escolha das novas vocações para o Instituto, da formação cultural e religiosa das Irmãs à procura de uma casa apta para a comunidade que se desenvolve, das relações com a B. Madalena de Canossa (29) à série de práticas para obter a aprovação do Instituto por parte das autoridades e até mesmo no campo administrativo.

Nas suas cartas de resposta Pe. Gaspar enfrenta todos estes problemas. Aí se encontram sugestões sobre como fazer os Exercícios Espirituais, critérios para discernir as vocações religiosas autênticas, orientações para a compilação das regras da nova Congregação. Muitas vezes Pe. Gaspar alonga-se na ilustração dos métodos didáticos para a formação das professoras e das alunas, indicando também os textos escolares mais adaptados e colaborando ativamente na elaboração do Plano de estudos. Com particular atenção se interessa pelo delicado problema da separação do grupo da Leopoldina do Retiro Canossa e do encontro de um lugar adaptado; acompanha pessoalmente as práticas feitas pela fundadora para obter a aprovação jurídica do Instituto e redação do texto das petições a serem enviadas a Viena e a Roma. Encontra ainda o meio de inserir aqui e ali, para não desmentir o bom sangue "scaligero", uma pitada de humor.

Uma das melhores companheiras de Leopoldina, Sofia Gagnère, temia que deixando o Retiro Canossa para seguir a fundadora na clausura, não teria mais a possibilidade de ir ter com Pe. Gaspar em S. Firmo (30). Pe. Gaspar interveio prontamente: "Diga, se achar bom e oportuno, à senhora Sofia, que é preciso acostumar-se a tudo... Eu desejo que se firme na sua vocação, que é de ir a tolos os lugares, e não se detenha em S. Firmo, que está sempre em um lugar (31). Acenando a uma inocente fraqueza do amigo e colaborador Pe. Matteo Farinati, confia à Naudet: "Pe. Farinati terá nestas notícias um prato agradável à sua curiosidade. Ele está como um cão no rasto, farejando sempre, e algumas vezes raspando a terra, e sempre conseguindo alguma coisa para levar adiante e ruminar,

meditar e conferir na sua fantasia" (32). Mesmo em relação à Marquesa di Canossa Pe. Gaspar permite-se alguma piadinha. Fala dela como de uma "fortaleza munida de muitos terraplenos, fossos e paliçadas" (33); e tratando-se do convencê-la em consentir que uma companheira de Leopoldina, uma certa Cristina Scalfo, que a Marquesa visava para seu Instituto, seguisse sua vocação de irmã da S. Família, sugeriu à Naudet: "Talvez um assalto bem dirigido e forte - e algumas bombas atiradas dentro da fortaleza - poderia, se não vencê-la, angustiá-la e fazê-la capitular... Mas Vossa Senhoria - conclui, desta vez seriamente Pe. Gaspar - considere a coisa também diante de Deus"

Eis: é justamente esse apelo a Deus e uma visão de fé alimentada pela oração - apelo contínuo e colocado com naturalidade mesmo no meio de um assunto sobre escola ou sobre as Regras, ou até mesmo numa saída chistosa - que constitui a característica mais relevante das cartas escritas por Pe. Gaspar à Naudet.

4. O ÚNICO NECESSÁRIO" E "AS BAGATELAS

Nas suas cartas Pe. Gaspar sabe também impelir a piedosa fundadora, sobretudo nos momentos mais difíceis e penosos até o vértice da mística esponsal; e isto não certamente para fugir das imperiosas exigências das situações concretas, mas para haurir da presença do Esposo a luz e a força necessárias para afrontá-las. Ora, esta mesma dinâmica é constantemente aplicada por Pe. Gaspar, ainda nas mais ordinárias situações da vida; com o convite repetido de maneira verdadeiramente martelante para ver todas as coisas à luz de Deus, para atingir a fonte da oração e energia e a coragem necessárias para as orações cotidianas.

"As obras desse tipo são o fruto principalíssimo da oração - pesquisemos, pois, alguns testemunhos entre os muitos que ocorrem na correspondência de Pe. Gaspar à Naudet. - Esteja atenta, porém, Vossa, Senhoria em não sobrecarregar as próprias forças no trabalho destas constituições... além do que possam suportar. A senhora refletiu muitíssimo bem que o coração do Rei está nas mãos de Deus. Deve-se ter os olhos principalmente em Deus, e feito o que lhe agrada, tudo irá bem: "tenho meus olhos sempre fixos no Senhor, porque Ele livrará dos laços os meus pés... se compraz na lei do Senhor... e por isso todas suas obras prosperarão" (35). Em uma outra carta - dedicada quase por inteiro ao assunto da responsabilidade de uma superiora na orientação da vida espiritual da comunidade: é uma das mais belas - escreve: "Em suma, o tudo, em última instância, restringe-se a uma fé viva, e a uma incessante oração. Deixemos que Deus entre livremente e possua esta alma que Ele tanto ama e procura uní-la a Si. Conheçamos o tempo de sua visita. Supliquemos a todas as criaturas e aos nossos sentidos que não perturbem esta alma, quando ela estiver repousando no tálamo do seu Senhor. Nada mais se requer. A seu tempo ela produzirá um fruto tão precioso, tão sublime, tão nobre, digno de núpcias tão santas e tão sublimes" (36).

E ainda: "Ótimo sim é o modo que Vossa Senhoria teve na oração, afirmando Cristo Senhor nosso que: só uma coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte (isto é, de tender ao necessário) que não lhe será tirado. Todo o restante, de fato,

não é mais que bagatela. Parece que o Senhor faz como certos senhores deste mundo, que reservando para si as preocupações dos grandes negócios, deixam a administração das coisas domésticas livremente confiadas à direção prudente de suas esposas... e ao primeiro sinal dizem logo; façam vocês, tudo será bem feito. Eis porém a que tende o providente cuidado de Nosso Senhor: fazer-nos viver do espírito, espiritualizar todas as coisas, de modo que... estejamos de tal modo com ele e confiados na sua infinita misericórdia e bondade, que não nos deixemos remover dela por nada que aconteça aqui em baixo. Este é o nosso melhor bem; e deste, Nosso Senhor se ocupa plenamente e com toda solícitude. Os seus bens - que são os que nós oferecemos e consagramos a Ele - deixa livremente à administração de nossa pequena prudência, e não quer ouvir nem uma palavra" (37).

Entendamo-nos: não é que Pe. Gaspar queira desvalorizar o fardo concreto das obrigações cotidianas. Apenas se viu como ele esteja sempre ao lado da Naudet na multidão e variedade de tais obrigações, colocando sempre à disposição dela o seu operoso interesse e sua competência. Se as classifica como "bagatelas" é para lembrar que é preciso respeitar uma hierarquia de valores; na qual cada coisa tem seu valor e é tomada a sério, mas sabendo distinguir entre o que é relativo e o que é absoluto.

Simbólica, em tal sentido, a atitude assumida por Pe. Gaspar em relação a algumas autênticas bagatelas. "Advirta Vossa Senhoria - escreve no dia 5 de junho de 1815 - de guardar cópia destas cartas que ela responde; e cuide ainda de escrever possivelmente de modo que torne útil se for a carta apresentada. O Senhor abençoará seguramente estas pequenas atenções, que se usam para servi-Lo: onde não se procura senão o melhor interesse de Sua glória. Ele da sua parte fará as coisas grandes. E nós o bendiremos e o agradeceremos" (38). Numa carta escrita alguns meses antes, se preocupava diretamente com a ortografia da sua correspondente. "Diante do plural dos nomes que começam com consoante coloca-se LI...; GLI coloca-se diante dos que começam com vogal... Console-se com a senhora Sofia que melhora muito a sua ortografia. E também isto é necessário para a Divina Glória" (39). Tudo importante, mesmo a ortografia; mas em tudo o que realmente conta e dá valor absoluto é que seja visto à luz da fé, seja animado pela oração, e seja dirigido para a glória de Deus.

c) DA ABUNDÂNCIA DO CORAÇÃO

1. VÔOS DO ESPÍRITO

Até que ponto realizou-se efetivamente na vida de Pe. Gaspar esta constante e amorosa atenção à presença de Deus, esta continuidade do espírito de oração, pode-se avaliar, entre outros, por fenômeno bastante singular e todavia muito significativo: isto é, pela facilidade e pela frequência com que ele se eleva quase improvisamente da trama e dos pensamentos e das ocupações ordinárias a intensos ímpetos de altíssima contemplação, que se apresentam como vôos do espírito (40).

O fenômeno é documentável, sobretudo através de um exame no Epistolário. Em uma carta do final de 1812, enquanto está tratando de um eventual retorno seu ao Retiro Canossa, depois da doença, e antes de passar a examinar os casos um pouco intrincados de algumas companheiras da Naudet, tem um súbito arroubo, ocasionado provavelmente por uma citação bíblica sobre a divina Providência: "Ó grande Deus! Quanto sois bom e inclinado a amar a nós miseráveis vermes! Quando será que nós vos amaremos com todo o nosso coração, e vos conheceremos e temeremos por aquilo que sois? Meu Deus e meu tudo" (41). Em outra carta escrita poucos dias depois, aos 15 de janeiro de 1813 enquanto ainda está preso no quarto convalescendo, procura encorajar à Naudet que se encontra no momento em dificuldade, prometendo a própria oração e lembrando o estilo da divina Providência que sabe dispor "cada coisa ao fim previsto"; depois acena à sua própria condição de enfermo que "não fazendo quase nada, fica vendo o que o Senhor faz". E aqui explode: "Oh como Ele é muito bom! E como supera todo o nosso louvor! Devemos, portanto não parar de louvá-Lo quanto podemos... E temos ainda um gravíssimo mandamento de esperar que nossas misérias sejam um dia transformadas em tanta glória, e sermos semelhantes a Ele. Seja agradecido, bendito, amado para sempre" (42).

Em agosto daquele mesmo ano de 1813 quem se encontra em dificuldade é justamente ele, Pe. Gaspar, em razão de uma suposta nomeação sua como vice-reitor do seminário (43). Em uma carta de 31 de agosto de 1813 ele expõe a situação à Naudet, pede-lhe auxílio da oração, apresenta-lhe também alguma discreta intervenção junto aos médicos através do fiel amigo comum, Pe. Farinati. Faz imediatamente um apelo, naturalmente, num lance de fé: "Vê-se que Deus quer que nos lembremos dele, Nele esteja todo o nosso pensamento e afeto, perpetuamente firme e recolhido. Afinal de contas, nós somos sempre diligentes quando amamos a Deus" (44). E com este aceno a Deus o coração se expande espontaneamente em um ímpeto: "Feliz aquele que se perde neste abismo! Que se atira corajoso e náufrago, neste oceano! Nunca está mais segura uma criancinha do que, quando aconchegada no colo da mãe, abandona todo pensamento e cuidado de si mesma. Ela não vê, não ouve, não fala. Mas por ela vê, ouve, fala e age a mãe. E, quando ela quer, sabe e pode acordá-la, estando perto" (45).

Semelhantes ímpetos repentinos do coração para com Deus, encontram-se também nos fragmentos restantes da correspondência entre Pe. Bertoni e Pe. Luiz Bragato.

"Oh que bom Pastor! - exclama em uma carta de 29-05-1840. Deixe-se em tudo e por tudo, como sábia, dócil e humilde ovelha, sustentar, guiar, apascentar-se por Ele" (46). E ainda "Confiemos em Deus, que é uma grande confiança, desconfiados em tudo de nós. É bom colocar no meu Deus a minha esperança. E por muitas tribulações... não obstante as temos, esperamos com toda firmeza, a entrada aberta para Sua glória, onde continuamente suspira o nosso coração... Nós cantamos: creio em um só Deus. E canta-se não somente com a voz, mas também e com mais fervor com o coração... E o maestro deste canto celeste não é Guido

Aretino, mas o Espírito Santo. Ele encha seu espírito com suas consolações, para que não cesse este canto, tão doce aos ouvidos de Deus. Passe bem e reze" (47).

Existem testemunhos de contemporâneos que confirmam como fossem freqüentes em Pe. Gaspar estes lampejos de chama: demonstrando que no seu coração continuava constantemente aceso, mesmo debaixo da cinza das ocupações cotidianas, o fogo do espírito de oração. Pe. Carlos Fedelini, que por doze anos foi seu assistente e enfermeiro, atesta: "Falando um dia aos seus discípulos sobre coisas religiosas, exclamou improvisamente: Basta! O pecado é um grande mal! E começou a chorar" (49).

2. TUDO É GRAÇA

Juntamente com este fenômeno é lembrada também uma atitude marcada como característica pelos biógrafos de Pe. Gaspar: isto é o freqüente recurso que ele fazia à oração de agradecimento pelas diversas circunstâncias, agradáveis ou menos agradáveis, da vida. "Era-lhe tão familiar este ato de religião - escreve Pe. Giacobbe - e queria, tanto que fosse amado e praticado pelos seus, que conforme o testemunho deles, não deixava jamais a ocasião de qualquer acontecimento importante, que não se dirigisse a eles dizendo: Oh! sejam dadas graças ao Senhor por tudo o que Ele fez na sua infinita misericórdia! Sejam dados louvores a Ele, que nos tratou como Pai que é; sim agradeçamo-lo de tudo e cantemos-lhe um solene Te Deum. Assim acostumava seus filhos a serem agradecidos a Deus pelos benefícios recebidos dele, fossem quais fossem; e assim queria que a Deus e à sua graça eles referissem toda a glória de algum bem operado, ou de qualquer vitória, conseguida sobre a matéria" (50). Pe. Giacobbe sublinha ainda que Pe. Gaspar "manteve constante e sincero" o agradecimento a Deus, "Não somente nas coisas prósperas, mas também nas adversas, e mesmo nas bem dolorosas" (51).

Agradecer a Deus não é somente um gesto de boa educação, mas é um profundo ato de piedade, de fé, de amor; enquanto equivale a reconhecer que "tudo é graça" e a sentir a presença da mão amorosa do Pai em todos os acontecimentos. A atitude de agradecer sempre o Senhor apresenta-se também como uma das expressões mais verdadeiras do espírito de oração que tende a animar de fé e de amor os momentos da vida cotidiana. Se Pe. Gaspar era tão inclinado e assíduo em cultivar esta atitude quer dizer que o seu coração possuía verdadeiramente em abundância o espírito de oração, o dom da oração contínua.

II PARTE

a) ORAÇÃO E AS ORAÇÕES

Passamos agora a estudar o papel que na vida de oração de Pe. Gaspar ocupam alguns destes determinados exercícios de piedade, litúrgicos e não litúrgicos, que segundo a tradição da espiritualidade cristã são destinados a alimentar o espírito de oração. Veremos assim como entendia e praticava a

meditação da Palavra de Deus, a Eucaristia e o ofício divino, e também outros particularmente queridos por ele como a Via Sacra, o Rosário mariano, a função da sexta-feira.

No que se refere, em particular, às celebrações litúrgicas, deve-se ter presente o fato de que no tempo de Pe. Gaspar a grande reforma realizada pelo Vaticano II, e mesmo o próprio movimento litúrgico que a preparou, estavam muito longe de chegar. Não deverá portanto ser surpresa se alguma atitude sua não for plenamente de acordo com os critérios evocados pelo Concílio; especialmente no que concerne ao caráter comunitário da oração oficial da Igreja. Mas ao invés, parece merecedor de atenção o fato de que, não obstante os condicionamentos da mentalidade ritualística e devocionista então vigente, Pe. Gaspar tenha conseguido intuir e realizar mesmo neste campo, como veremos, a ligação entre oração e vida, que é um pouco, alma de todo o seu esforço espiritual.

Deve-se salientar o fato de que Pe. Gaspar tinha clara percepção da proeminência e da centralidade da liturgia, em particular da Eucaristia, no rol das obrigações de piedade. Há um sinal - entre tantos que veremos - insistência com que exigia que normalmente a meditação precedesse a celebração da S. Missa; "recomendava grandemente a meditação - afirma Pe. Lenotti - e procurava o mais que podia que os seus a fizessem antes da missa, apesar da urgência das confissões, ao menos uma parte, e depois se completasse em outra hora" (52).

a) A MEDITAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

1. NECESSIDADE DA MEDITAÇÃO

Fica-se logo atingido pela energia com que Pe. Gaspar afirma a importância da meditação para a vida espiritual e apostólica, e portanto a necessidade de manter-se fiel diariamente com firme intransigência. "Pe. Gaspar - escreve a este propósito Pe. Giacobbe- estava sempre unido com Deus, por uma santa meditação. E isto ele praticava muito fielmente, convencido da enorme necessidade para um eclesiástico, recomendava, pois a todos, e com grande calor às pessoas consagradas ao Senhor. Aconselhava isto a todos, mesmo aos jovens do Oratório por ele fundado, muitos dos quais, principalmente dos seus primeiros alunos e companheiros, deram frutos prodigiosos por este santo exercício. Mas para com seus religiosos, não era somente conselho, ou exortação, mas um dever e muito rigoroso; porisso teria tolerado neles a omissão de qualquer outro dever, jamais da meditação. E se alguma vez uma obrigação urgente e mais grave tivesse ocupado o tempo da meditação da manhã, queria, porém, a todo custo e o mais rápido possível, que eles cumprissem a meditação, mesmo no lugar de outra ocupação ou ministério também importante" (53).

Entre as motivações colocadas como base de tal insistência de Pe. Gaspar sobre a fidelidade à meditação, a que ocorre com mais frequência está estreitamente ligada à sua vocação missionária, e é a exigência de que a atividade apostólica e

caritativa seja constantemente animada pela fé e pelo amor, daquele espírito sobrenatural que pode torná-la verdadeiramente frutuosa..

Já sabemos que por sua vez Pe. Gaspar achegava-se com assídua leitura e meditação à Palavra de Deus para encontrar nela a "regra única e infalível do pensamento e da ação" (54). À L. Naudet que no sofrimento andava amadurecendo a fundação do Instituto a que sentia-se pessoalmente chamada, Pe. Gaspar indica na meditação da Palavra de Deus o manancial para atingir a luz, a coragem, a força necessárias naquelas difíceis circunstâncias. "Consolo-me com suas catacumbas ou, realmente, com seu Cenáculo de portas fechadas - escreve em uma carta de 1814. - O Espírito descerá aí e tudo arderá. Permaneceu na cidade, até que sejais revestidos da força do alto. (55). S. Gregório Magno nota que a abundância e o aumento da Caridade, é o sinal decisivo e definitivo do momento que se deve começar a apresentar os trabalhos, concebidos já há bastante tempo nas luzes secretas e nas inspirações ocultas do Espírito Santo, e fomentadas com o calor da oração e nutridas e amadurecidas com muitas meditações" (56). E ainda, sempre à Leopoldina Naudet: "Onde se aprende esta prudência não comum mas celestial? E quem pode legislar ou ensinar? Eis a escola, eis o Mestre, que a S. Escritura apresenta-nos: "Introduziu-me num celeiro, e o seu estandarte, que levanta sobre mim, é o amor (57). É preciso deixar-me bem introduzir por esse Rei que nos chama, nos convida, nos espera até que entremos na Cantina do seu amor... Chegada a alma aqui, por grande sorte sua, a inebria com o vinho da sua caridade. Este vinho precioso alegra, fortifica, tira a alma fora de si, e unindo-se com Deus a dirige perfeitissimamente... Em seguida uma luz de admirável sabedoria e divina prudência se espalha no intelecto, para julgar tudo que é relacionado com Deus ou como efeito, ou como meio para conseguí-lo no futuro, ou glorificá-lo no presente. Pretendo com isto animar sempre mais a caridade de Vossa Senhoria e compreender toda a sua força na oração; de onde conseguir luzes oportunas nas circunstâncias difíceis para clarear os caminhos que deve palmilhar" (58).

2. "ESPÍRITO INTERIOR" E "OBRAS EXTERNAS DE CARIDADE"

Há uma preciosa anotação do Memorial Privado - de 16 de novembro de 1808 - toda centralizada no tema da necessidade da oração mental bem feita, vista como condição indispensável para conseguir, na ação exterior, "frutos sazonados e maduros de caridade". A nota é tanto mais interessante enquanto contém indicações bem concretas para que no caminho da oração, destinado com certeza a levar até o vértice da contemplação, evitem-se as fáceis ilusões e nos disponha a percorrer todas as etapas necessárias ao verdadeiro progresso. Algumas pessoas na vida espiritual começam a construir às avessas. Partem do fervor da obra externa de caridade, onde de caridade há pouco, mas muito de natureza; conseqüentemente aparecem neles uns sinais de oração sobrenatural, apenas superficiais, que se revelam como tais pela inconstância e pouca duração, ou pela ausência dos firmes resultados que acompanham aquela oração mais sublime. Estando nessa situação, vivem no puro ócio, sem proveito algum; convém, pois, a eles mudar de oração e voltar ao ponto de partida, visto não haver sólido fundamento no que estão fazendo. Verdadeiro fundamento é o espírito interior que a seu tempo produzirá frutos firmes e

maduros de caridade. Até lá deverá ser guiada por uma disciplina mais rígida de obediência e por uma oração mais prática que estimula a vontade" (59).

Observe-se o modo original, e quase paradoxal, com que Pe. Gaspar alerta contra a eterna tentação do ativismo, e relembra o papel essencial no que respeita a oração como alta da atividade exterior. Ele admite justamente que ainda quem começa "às avessas", isto é "do fervor da obra externa de caridade", possa eventualmente experimentar em si "uns sinais de oração sobrenatural" (isto é, de ordem mística); mas nota imediatamente, que, mesmo admitindo tal eventualidade, trata-se de sinais "apenas superficiais, que se revelam como tais pela inconstância e pouca duração, ou pela ausência dos firmes resultados que acompanham aquela oração mais sublime", isto é, a verdadeira oração mística. Só através de um caminho autêntico de oração, que parta do "sólido fundamento" do "espírito interior" - dando assim uma clara proeminência à oração em relação à atividade exterior - será possível o progresso através dos vértices da contemplação e garantir portanto à ação apostólica a fecundidade de "frutos sazonados e maduros de caridade". No contexto, pois, deste caminho autêntico de oração se insere, junto com o cuidado do "espírito interior", a aceitação de "uma disciplina mais rígida de obediência" e o exercício de "uma oração mais prática": condições indispensáveis para atingir a oração mais sublime.

Nestas expressões do jovem Pe. Gaspar se colhe o eco dos ensinamentos feitos pelos grandes mestres da oração. S. Teresa d'Ávila reconhece precisamente na oração contemplativa do mais alto grau - a união transformante ou "matrimônio espiritual", alcançada na sétima mansão do Castelo interior - a fonte mais fecunda das obras de caridade. "Para isto tendo o matrimônio espiritual: para produzir obras e obras, sendo estas, como disse, o verdadeiro sinal para conhecer se se trata de favores e de graças divinas" (60). Por outro lado S. Inácio de Loyola não se cansa de prevenir contra a fácil ilusão de poder atingir com facilidade as culminâncias de contemplação; e evoca constantemente a exigência de percorrer todas as etapas discursiva e metódica.

2. O MÉTODO DE ORAÇÃO

A propósito do "método de oração", que há alguns séculos foi introduzida sistematicamente na tradição espiritual - graças ao qual se chegou muitas vezes também a identificar, praticamente, a meditação com a oração mental metódica - Pe. Gaspar assume uma posição que merece ser assinalada. Digamos logo que sobre este ponto ele se atém com absoluta fidelidade à doutrina de Santo Inácio. Mas a sua é uma fidelidade global e dinâmica; enquanto ela não só assentua o valor do método, mas sabe salientar também os limites e indica também, sempre nas pegadas de S. Inácio, a utilização mais sábia.

Nas instruções dos exercícios espirituais ao clero Pe. Gaspar ilustra amplamente o método inaciano de meditação, expondo e comentando, com escrupulosa adesão no texto dos Exercícios, todas as indicações contidas no clássico livrinho (61). Mas ao mesmo tempo ele mostra que sabe colher de seu mestre as orientações práticas

de onde aparece que o método é um meio e tem pois um valor relativo, não absoluto. À L. Naudet, referindo-se diretamente dos mesmos exercícios espirituais - mas é evidente que o assunto serve também para a meditação, que constitui a ossatura dos exercícios - escreve: "Parece-me da nossa parte, que o método do retiro de oito dias não poderá ser melhor, que tirá-los dos Exercícios de S. Inácio. Disse da nossa parte, porque, da parte de Deus Nosso Senhor será conveniente deixar-lhe toda liberdade, sem restringí-lo nem a horas, nem a temas, nem a métodos, nem a dias. O que importa, a meu parecer, é que quando a alma não está atualmente atraída por Deus, ela deve preparar-se segundo o que prescrito no livro autêntico de S. Inácio, e observar diligentemente o horário, o método, o tema, a ordem e o que mais ali houver; mas quando o Senhor o atrai, não convém observar outra coisa, mas seguir-lhe quanto o apraz" (62). Poucos dias depois foi reforçada a mesma diretiva: "Quanto ao falado sobre os caminhos dos Exercícios, deve ser assim entendido, que ao mesmo tempo prudente e discretamente, Vossa Senhoria, sabendo que o Senhor não se atém a caminhos, o siga mesmo fora de caminho e fora de tempo (63).

O método pois é sem dúvida um instrumento válido, até mesmo normalmente indispensável, para aprender a difícil arte da oração mental. Mas, diferentemente de qualquer arte puramente humana, a oração é sobretudo um dom gratuito de Deus, e o progresso para as formas e os graus mais elevados de oração é marcado por uma gradual preponderância de iniciativa divina com respeito à atividade humana; a tal ponto que, nos graus mais sublimes da contemplação mística, o homem torna-se admiravelmente "passivo" diante da orientação do Espírito Santo. Porisso pode-se também dizer que o melhor método para, a oração mental é o que dispõe mais eficazmente a alma para acolher em si a iniciativa divina e a torna sempre mais disponível a ela. É este, de fato o pensamento genuíno de S. Inácio; que reconhece a proeminência absoluta da "virtude divina" sobre o raciocínio humano no caminho da oração mental, e ensina que "o muito saber não sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e provar as coisas internamente" (64).

É significativo o fato que justamente sobre esta indicação de S. Inácio insista Pe. Gaspar - escrevendo ainda a L. Naudet - quando trata da "preparação da meditação". "Quanto à preparação da Meditação - a carta é de 6 de março de 1813 - o sentimento interno e de recolhimento é melhor que o intelecto. No primeiro caso o intelecto sem discorrer com raciocínio, vê de um golpe de vista; e sem divagar de uma coisa para outra, firma-se no objeto principal; e ele sem andar adiante e voltar depois atrás da vontade, a tem por companheira e talvez a previna. Aquele (isto é o intelecto o raciocínio) fica, juntamente com o auxílio de Deus, em nossa mão; este (isto é, o sentimento interno) com o nosso consentimento, depende de Deus. Aquele é usado pelos homens na terra; este mais se assemelha ao que faremos perfeitamente no Céu. Daí eu havia prevenido Vossa Senhoria de não colocar as mãos diante de Deus, embora devesse preparar os caminhos, segundo os utilíssimos detalhes de S. Inácio" (65). Na mesma direção é colocada também um outra indicação de Pe. Gaspar, desta vez para si mesmo, e que atinge diretamente o conteúdo da meditação- "Na oração comece por Cristo e sua Paixão - anota no

Memorial Privado - e depois, se Deus se dignar atraí-lo, deixe à larga o espírito" (56).

Uma certa tendência de impor o catálogo do método para a meditação se fez sentir, como é conhecido, na tradição espiritual e formativa destes últimos séculos com o resultado de frear talvez o ímpeto contemplativo da oração mental e de introduzir aí traços de formalismo e de legalismo. Isto também, provavelmente, contribuiu para determinar um certo processo de ritualização e de separação da vida vivida que se encontra exposta não só a oração litúrgica, mas o próprio exercício de meditação. O ensinamento de Pe. Gaspar enquanto reforça com incomum firmeza a necessidade desta indispensável forma de oração, apresenta-a, por outro lado, ao seu mais genuíno significado.

b) A LITURGIA

1. A EUCARISTIA

A celebração eucarística "era a maior delícia do seu coração - escreve o primeiro biógrafo de Pe. Gaspar, testemunha ocular; - aqui seu espírito encontra a fonte de graças e de dons celestes que parecia transformá-lo em outro homem... Daí é que suspirava de longe por esta bendita hora de celebrar e, quando ela chegava, inebriava-se totalmente nela" (67). O mesmo Pe. Giacobbe atesta no Processo ordinário: "Eu o vi muitas vezes prostrado diante do SS. Sacramento e celebrar a S. Missa animado de tanta fé e piedade que parecia um S. Afonso de Ligório ou um S. Felipe Neri" (68). Sua má condição de saúde impedia-lhe muitas vezes, e mesmo por longos períodos, a celebração da Eucaristia. Mas nem por isso ele renunciava à "mais bela delícia do seu coração", e pedia que alguns dos seus sacerdotes celebrasse a S. Missa na capela doméstica, vizinha do seu quarto, dando-lhe assim sempre a possibilidade de um encontro cotidiano com o SS. Sacramento. Conta-se a tal respeito, um episódio curioso: que certamente fica bem enquadrado na moldura do seu tempo. Um dia em que o confrade encarregado de celebrar na capela doméstica foi mandado celebrar numa igreja pública, Pe. Gaspar insistiu para que não o abandonasse: "os outros têm as pernas sãs - foi o seu argumento - podem procurar este benefício em outro lugar. Mas eu como poderei, se você não mo trazer?" (69).

2. EUCARISTIA E CONTEMPLAÇÃO

Parece que precisamente no contexto da celebração eucarística Pe. Gaspar tenha feito as experiências mais íntimas de união com Deus, provavelmente ao nível místico da contemplação infusa: firmando-se ao menos no testemunho do Memorial Privado que é a fonte mais consistente, mesmo limitado no tempo (de julho de 1808 a junho de 1813), sobre a vida interior de Pe. Gaspar. "Durante a Missa, nas secretas e ao Memento, pareceu-me que meu espírito estava iluminado para ouvir quem falava; senti, então, um grande afeto e abertura de amor ao rezar as orações. Depois certas aspirações e ímpetos da alma para Deus, como de uma pessoa que ao receber um grande amigo que há muito tempo não via, ao vê-lo sente vontade de

atirar-se sobre ele para abraçá-lo. Então, desejei que se tornasse mais clara a visão e mais forte o ímpeto para alcançar de vez o bem supremo; mas, receando algum sentimento de vaidade, por estar diante do público, desci à consideração dos meus gravíssimos pecados, e aí pude conhecer melhor a divina bondade, aumentando também o amor, até se de afazer em lágrimas controladoras, que continuaram depois da comunhão. Entretanto a fé e a confiança cresciam juntamente com a humildade e a reverência afetuosa para com Deus. Finalmente, na comunhão experimentei uma intensa devoção e afeto como no dia da minha primeira comunhão, o que nunca mais havia sentido depois. Assim fiquei durante uma hora, ou melhor, durante toda aquela tarde" (69a).

Esta anotação do Memorial Privado abre uma visão muito significativa sobre a sumidade da união com Deus, a que a graça elevou Pe. Gaspar. Encontram-se apresentados aí alguns fenômenos que os teólogos consideram normalmente como indicativos de um nível místico da vida interior: como o sentimento da presença de Deus, o dom das lágrimas, uma certa experiência de êxtase. Outras anotações do Memorial Privado ilustram mais detalhadamente a experiência feita pelo Pe. Gaspar daqueles dons.

A propósito do sentimento da presença de Deus encontramos escrito no dia 11 de julho de 1808: "Depois da Missa, durante a ação de graças, um sentimento mais vivo de fé na presença de Nosso Senhor e muita confiança" (70). E mais adiante no dia 25 de outubro: "Na Missa inspirações breves, mas vivas, grande sentimento da presença divina, confiança, amor, desejo de me transformar nEle e que Jesus viva em mim, não mais eu. Depois da Missa terminou esta graça de comum-união; mas retornou, como quando estava na igreja, durante o trajeto que percorri para realizar negócios de família" (71). Ainda no dia 4 de dezembro do mesmo ano: "Na Missa, vivo sentimento da presença de Jesus Cristo que me excitou uma breve, mas profunda confiança Nele. O recolhimento ainda durou um pouco, depois, mas a devoção o dia todo" (72).

O dom das lágrimas já é atestado em uma das primeiras notas do Memorial Privado, marcada no dia 2 de julho de 1808, Festa do S. Coração: "Na Missa, durante a consagração, e em toda a ação de graças, muitas graças de compunção e afeto: em particular na comunhão senti por um momento, o espírito como que desligado de toda a criatura, em obséquio ao seu Criador" (73). Aos 10 de outubro de 1808, muito brevemente: "Lágrimas durante a Missa, e recolhimento após; e silêncio (74). Ainda aos 30 de maio de 1812 está anotado que "a alma se expandiu em doces lágrimas durante a S. Comunhão" (75).

A experiência dos êxtases, que na anotação supracitada de 9 de outubro de 1808 aparece um pouco refreada pelo desejo de evitar qualquer singularidade durante a Missa, parece expandir-se livremente em um momento de oração antes da celebração; como aparece na anotação de 30 de maio de 1812, cujo texto agora apresentamos por inteiro. "Rezando antes da Missa e sentindo um pouco de sono, ouvi uma voz saída do crucifixo dizer-me ao coração: 'Contempla este meu coração'. Este pedido iluminou-me, subitamente, a inteligência e proporcionou-me um grande

e imprevisto ardor no coração. Em seguida, voltando-me com os olhos e em espírito para contemplar o amável ponto indicado, senti correr um arrepio pelo corpo todo, a boca e os olhos se me fecharam, enquanto que a alma me parecia plenamente absorta e cheia de alegria. Tive a sensação de que ela estava para separar-se do corpo; como que morrendo, mas, ao mesmo tempo, plenamente vivificada. Voltando-me novamente para ouvir quem falava, repetiu-se o arrepio como o de uma morte doce e lenta. Enquanto a alma continuava incerta do que devia fazer, pareceu-me que, se o fenômeno continuasse ainda por mais tempo, teria morrido ou, ao menos, seria separada do corpo. Estando assim como que paralisada, permanecia entretanto, jubilosa nas mãos do Senhor, e se naquele momento tivesse eu morrido, continuaria ela totalmente serena. De repente ela voltou a recuperar o uso dos sentidos como antes. A consequência disto tudo foi a presença de uma terníssima devoção ao Sagrado Coração e de um respeito amoroso durante a Missa. A alma se expandiu em doces lágrimas durante a Santa Comunhão. Depois, grande recolhimento e suavidade que durante o dia todo, além da prática esmerada das três virtudes teologais" (76).

Os testemunhos pessoais de Pe. Gaspar sobre a piedade eucarística ficam limitados no breve período das anotações do Memorial Privado. Mas que a forte carga interior daquela piedade tenha continuado viva depois, e que com a idade madura tenha se fortificado ainda, evidencia-se com suficiente certeza nos testemunhos acima citados pelo Pe. Giacobbe, que ainda escreve: "Os que tiveram a sorte de assistir seus divinos sacrifícios, confessam que era tanto a modéstia e devoção, como o recolhimento, e um certo arrebatamento em Deus, que não se podia vê-lo sem ser tocado pela compunção e ternura de coração" (77).

3. EUCARISTIA E VIDA

Foi visto na I parte quanto fosse importante a Pe. Gaspar a ligação entre oração e vida: seja como ensinamento, seja na prática do esforço pessoal. Agora é interessante salientar como aquele princípio encontre uma aplicação particularmente coerente constante na esfera da piedade eucarística. Aqui acenaremos somente na incidência que a Eucaristia exerceu na vida vivida por Pe. Gaspar; mais adiante teremos ocasião de referir também qualquer alusão doutrinal a propósito (78).

Os textos do Memorial Privado onde são anotadas as experiências mais íntimas de união com Deus vividas na celebração eucarística terminam muitas vezes - como se pode observar nos textos citados - com a indicação de que aquelas experiências continuam depois, de algum modo, durante o curso do dia e vão impregnar da presença de Deus a atividade ordinária.

Pode-se também determinar que se, o mais das vezes aquelas anotações acentuam a continuidade entre eucaristia e vida estabelecida por Pe. Gaspar, graças, justamente, ao prolongamento das experiências contemplativas vividas na celebração sacramental, não faltam acenos eloqüentes das quais transparecem além disso um influxo direto da Eucaristia também nas opções operativas no campo da atividade.

Em particular evidencia-se do Memorial Privado que da Eucaristia Pe. Gaspar tirava grandes estímulos à generosidade para enfrentar o sacrifício, à operosidade apostólica ao exercício da caridade missionária. "Depois da Missa durante a ação de graças... um sentimento também de me oferecer para sofrer com Ele qualquer vexame"; assim termina a anotação, já citada do dia 11 de julho de 1808 (79). "Durante a Missa - esta anotação é de 24 de julho de 1808 - recebi do Senhor, de presente e com muita suavidade, atual e contínuo desejo de oferecer meu trabalho unido ao sacrifício de Jesus Cristo" (80). Neste contexto pode-se introduzir-se também uma outra nota, na qual é feita uma aproximação entre a Missa e "os exercícios de caridade externa": mesmo que o sentido entendido diretamente por Pe. Gaspar seja outro. Escreve, pois, no dia 11 de setembro de 1808: "No final da Missa, grande recolhimento e modéstia; durou pouco, porque tive que me ocupar do exercício da caridade externa" (81). Comenta com agudeza o Pe. Stofella: "Graça preciosa da oração... De ser desviado logo daí, parece que ele chama de culpa. Nós lhe diremos que aquilo, bem lá no fundo, (afinal de contas) não foi outra coisa senão deixar Deus por Deus" (82): como para dizer que justamente o encontro com Deus na Eucaristia impelia, na realidade, Pe. Gaspar ao encontro com Deus, nos irmãos, mediante aquelas obras de caridade missionária e social das quais sua vida é muito rica.

4. O OFÍCIO DIVINO

A respeito do Ofício divino os testemunhos dos contemporâneos salientam, antes de tudo, o grande apego que Pe. Gaspar tinha por esta forma de oração e o cuidado intenso com que ele procurava ser-lhe fiel diariamente, apesar das dificuldades provenientes das suas precárias condições de saúde. "Recitava sempre com grande devoção o ofício divino mesmo quando estava doente - assim uma testemunha do Processo Ordinário - fazendo-se auxiliar por algum dos seus; para induzí-lo a deixá-lo era preciso uma ordem do médico" (83).

A propósito da devoção de Pe. Gaspar na oração litúrgica o Pe. Giacobbe pôde constatar pessoalmente "com que espírito, com que mente, ele rezava e dizia os salmos" (84). E por sua conta observa ainda, com notável acuidade, que aquela devoção tinha raízes profundas: não só no seu espírito de piedade, mas também no conhecimento da S. Escritura, que conseguira graças a um estudo assíduo. "Sua devoção na recitação do Ofício - escreve o primeiro biógrafo - não foi passageira nem de breve duração, mas a conservou cada vez mais crescente até o último dia de sua vida; e ainda conseguia alimento com aquele profundo conhecimento, que um estudo contínuo, conseguira nas Sagradas Escrituras, de onde são tiradas e compostas aquelas divinas orações" (85).

Os aspectos, digamos assim, rituais da oração litúrgica era objeto de particular cuidado de Pe. Gaspar. "Recitava o Ofício com a maior diligência - afirma uma testemunha - começando com a observação do calendário, até a pronúncia destacada de cada uma das palavras, observando escrupulosamente até mesmo as pausas dos asteriscos" (85). Para isso ele havia criado algumas regras, que

mantinha escritas em um marcador do breviário e que transmitiu também a seus filhos (86). Hei-las: 1.º - Consultar o calendário; 2º - Marcar todas as partes do ofício; 3º - Tomar a atitude conveniente interna e externa.; 4º - Rezar o ofício em pé ou de joelhos, ou mesmo sentado, mas só por necessidade e decentemente; 5º - Recitá-lo com suficiente pausa; 6º - Pronúncia bem clara, notando qualquer falta a esse respeito; 7º - Ler com atenção para não ter que repetir palavras; 8º - Não parar para entender alguma frase, o que poderá ser feito após a recitação" (87).

Mas além da observância destas formas rituais - que já revela, embora em condições diferentes das nossas, uma alta consideração para o valor do divino Ofício, e o empenho pela dignidade da celebração - nota-se em Pe. Gaspar a atenção de fazer que a oração litúrgica seja, além disso, fonte de piedade e de espírito de oração. "A recitação do Ofício divino - atesta ainda Pe. Giacobbe - não a via somente como um dos seus principais deveres eclesiásticos, mas além disso como uma doce conversa com Deus...; conformando-se o mais que pudesse com a distribuição canônica das horas do dia" (86). Este aceno do fato que Pe. Gaspar se apegava quanto mais possível à canônica distribuição das partes do Ofício divino segundo as horas do dia, é muito significativo. Em um tempo no qual por motivo da mentalidade legalística largamente difundida, era normal cumprir o "dever do dia" acumulando seis horas do Ofício divino em uma recitação continuada que facilitasse o cumprimento da obrigação com uma economia de tempo e de trabalho, Pe. Gaspar mostra ter uma clara idéia de que a oração litúrgica foi providencialmente distribuída em vários momentos do dia com a finalidade de alimentar a vida cotidiana com o necessário espírito de oração (89). Que Pe. Gaspar entendesse também verdadeiramente a oração do Ofício divino como "uma doce conversação com Deus", capaz de enriquecer a vida de piedade, é confirmado ainda por este testemunho, apresentado em Processo Ordinário: "Pode-se afirmar que a recitação do Ofício era para ele uma meditação" (90). Perdoaremos a ambigüidade de linguagem do testemunho; mas o significado da afirmação é bem válido e profundo.

Uma outra anotação de notável interesse refere-se à solicitude com que Pe. Gaspar cuidava também da forma comunitária da celebração do Ofício divino. "A recitação familiar em comum das Matinas e Laudes, como também das Vésperas e Completas, era uma prática reservada desde os tempos do Sr. Pe. Gaspar" atesta Pe. Lenotti; o qual evoca justamente a autoridade do Fundador para devolver ao uso um costume que durante o tempo de dispersão subsequente 1866 tinha decaído um pouco (91). Segundo uma tradição doméstica estigmatina, o Pe. Fundador queria que seus Missionários Apostólicos fossem "monges em casa". O costume de celebrar comunitariamente as horas principais do Ofício divino - seja mesmo de forma, familiar e sem o vínculo jurídico do coro - se mostra certamente como uma significativa duração daquela vontade.

5. ZELO PARA COM O APARATO LITÚRGICO

Para completar estas notas relativas ao comportamento de Pe. Gaspar no que se refere à liturgia deve-se acenar também a um aspecto do seu espírito litúrgico que impressionou fortemente os contemporâneos e ainda hoje nos deixa

admirados; isto é, o cuidado verdadeiramente excepcional para com o decoro da igreja, dos paramentos, dos vasos sagrados, de tudo o que se refere à celebração do culto divino. "Quanto amava a frugalidade da sua mexa e a pobreza nas roupas e na mobília de uso dos seus - escreve Pe. Giacobbe- tanto queria suntuosa e esplêndida a mesa divina; e o sacerdote que devia subir ao altar ricamente vestido; e os vasos sagrados de matéria preciosa; queria que os vasos, os paramentos, a roupa branca, as sagradas alfaias e todos os objetos necessário, tudo enfim que é ligado ao altar e é necessário para a celebração, tudo transpirasse elegância, decoro, propriedade" (92). Ainda hoje é possível constatar, na exposição permanente onde se conservam as alfaias litúrgicas que Pe. Bertoni havia preparado para a igreja dos Estigmas, como as palavras do Pe. Giacobbe não têm nenhum exagero. E também isto, certamente, é uma confirmação eloqüente da seriedade do espírito litúrgico cultivado pelo Pe. Fundador.

c) PIEDOSOS EXERCÍCIOS

1. A VIA SACRA

Juntamente com a meditação da Palavra de Deus e a liturgia ocupam um lugar de relevo no programa espiritual de Pe. Gaspar, como já acenamos, alguns exercícios de piedade não litúrgicos. As testemunhas que falam sobre o assunto confirmam como também nestas formas de oração esteja sempre presente o seu estilo que já conhecemos; de fidelidade, e de intensa piedade, de esforço para tirar de cada uma das orações o alimento do espírito de oração.

Particularmente ligado com a devoção de Pe. Gaspar ao mistério da Paixão do Senhor é o pio exercício da Via Sacra. A sua estima e o seu apego por esta forma de oração já aparecem do que ele mesmo escreveu à L. Naudet, que lhe havia pedido um conselho para a ereção Via Sacra no coro da igreja de S. Teresa: "O bem é grande, e não deve ser descuidado, e eu sei disso por experiência de muitos anos" (93).

Interessante salientar como a Via Sacra tenha sido vista e praticada por Pe. Gaspar justamente assim: não somente como um excelente meio para exprimir a devoção, mas também como fonte de um "grande bem" para as almas, como eficaz instrumento para dispô-las à evangelização e à conversão, como válido apoio também à ação missionária. Jovem sacerdote, teve oportunidade de inserí-la no programa do Oratório Mariano. "Ao primeiro toque do sino que chamava para a Doutrina Cristã - diz Pe. Giacobbe - entrava na igreja de S. Paulo e aí, naquele meio tempo entre o primeiro sinal e o início da Venerável Aula, com alguns dos seus mais fiéis e provados oratorianos, e dos que gostavam de unir-se a ele, fazia o exercício da Via Sacra com aquela piedade e devoção que terminava o mais das vezes em lágrimas de dor e compaixão para com o seu pacientíssimo Redentor. Terminada esta meditação, com aquele fogo de amor divino que em si e nos seus queridos havia despertado, dava-se início à aula de Doutrina, para a qual não eram necessários nem professores nem assistentes: pois todos os que participavam do exercício da Via sacra estavam já prontos e bem dispostos para aquela obrigação de caridade e paciência cristã" (94).

Pe. Gaspar recorreu à Via Sacra para manter vivo o fervor aceso na Missão em S. Firmo. "Terminada a Missão em S. Firmo - atesta Pe. Lenotti - ele continuou a confessar por bastante tempo, e para manter o fruto dela todos os dias fazia a Via Sacra; mas desde o princípio tendo prefixado que este exercício da Via Sacra fosse uma continuação das missões, preparou tal matéria que servisse para converter os pecadores e confirmar os bons. Portanto com uma conexão admirável cada dia, no momento, sabia fazer as Estações novas, mas adaptadas a este fim e convenientes ao mistério que em cada Estação se meditava. A este exercício na Via Sacra concorria um grande número de pessoas, e se percebia o fruto com muitas conversões e com grande afervoramento de piedade...; tal era a solidez daquelas, digamos assim, pregaçãozinhas e a unção e o fervor com que ele as fazia" (95).

Que Pe. Gaspar estivesse atento para tirar antes de tudo para si mesmo frutos concretos de fervor espiritual da rica fonte daquele piedoso exercício, fica patente, por exemplo, desta simples anotação do Memorial Privado: "Fazendo a Via Sacra, na primeira estação pude ouvir: 'Se eu, inocente, deixo-me condenar, porque você, réu de mil culpas, deseja, com tanta solicitude, ser justificado por tudo perante os homens?'" (96).

2. O EXERCÍCIO DA BOA MORTE EM HONRA DA PAIXÃO

O mesmo espírito de devoção e de solidez se encontra no exercício da Boa Morte, que Pe. Gaspar começou a celebrar desde quando foi reaberta a igreja dos Estigmas, em outubro de 1822, e que sempre constituiu um encontro fixo para a comunidade religiosa e para os fiéis daquela igreja, todas as sextas-feiras, à tarde. Segundo testemunho do próprio Pe. Gaspar, o piedoso exercício era feito assim: "Antes de tudo cantam-se os "gradi" da Paixão de N. S. Jesus Cristo; depois, durante meia hora, se faz um sermão morar para promover todas as virtudes cristãs, mas especialmente a veneração e a devoção para com Nosso Senhor Crucificado; e logo em seguida - no altar do Crucifixo - a adoração das Cinco Chagas, que consiste em algumas orações próprias" (97).

Pe. Gaspar era muito afeiçoado a este piedoso exercício; tanto que sempre reservou para si, enquanto lhe foi possível, a meia hora de meditação, e pediu repetidamente à S. Sé a concessão de copiosas indulgências em favor dos participantes. Não temos nenhum esboço escrito daquelas suas meditações. Mas um testemunho do Cardeal Luiz di Canossa - que quando jovem era assíduo freqüentador, juntamente com sua família e várias outras personalidades daquele tempo, da função da sexta-feira à tarde nos Estigmas - nos dá uma luz sobre o ensinamento espiritual dado por Pe. Gaspar naquela ocasião: "Nos sermões que fazia nas sextas-feiras e que eu ouvi muitas vezes, falava com tanto zelo e suavidade, que o coração de quem ouvia ficava não só persuadido, mas comovido e penetrado de modo especial" (98).

3. O ROSÁRIO MARIANO

Uma palavra ainda sobre a devoção de Pe. Gaspar pelo Rosário Mariano; a cujo respeito existem testemunhos que merecem ser apresentados. Que se tratasse de uma oração diária para ele aparece pelo modo com que ele fala dela, por exemplo no Memorial Privado - "afeto na recitação do terço" (99) - que é o mesmo com que ele fala da S. Missa e do Ofício divino: isto é, como um dos atos de piedade que fazem parte do programa espiritual diário (100).

Interessa principalmente salientar o espírito com que Pe. Gaspar fazia esta oração. "Uma vez indo visitar um irmão enfermo - afirma Pe. Lenotti - para que não se cansasse sugeriu-lhe rezar a Ave Maria, mas meditando-a como faço eu também, disse, quando não posso dormir, que rezo o terço, mas medito as palavras da Ave Maria, empregando aí uma hora e mais, e o mesmo faço com o Pai nosso, e assim as noites passam " (101). É de ficar pasmado diante da profundidade contemplativa de um homem que sabia passar horas meditando a Ave Maria e o Pai nosso; trata-se certamente de um dom extraordinário. Mas fica confirmada a atitude fundamental que tinha Pe. Gaspar no exercício das várias orações, mesmo vocais; a contemplação da Palavra de Deus, procurando tirar daquela inexaurível fonte a luz destinada a iluminar a vida vivida.

Já vimos como desde jovem cooperador de S. Paulo Pe. Gaspar costumava praticar com este espírito, juntamente com os jovens do Oratório, a Via Sacra (102). A respeito da recitação do Rosário, sempre com os jovens do Oratório, atesta Pe. Lenotti: "Toda tarde cerca de uma hora por noite reuniam-se em sua casa muitos dos mais escolhidos, e aqui os fazia recitar o Rosário, e ainda fazia-lhes uma pregaçõzinha, uma meditação" (103). Parece lógico ligar com esta atitude ao mesmo tempo contemplativa e prática que caracteriza a sua devoção pelo Rosário, também a exortação à caridade para com os enfermos feita a um confrade por Pe. Gaspar, e inspirada no segundo mistério gozoso: "Aprendamos isto de Nossa Senhora. A mim sempre impressionou o que fez Maria com S. Isabel, que apenas avisada pelo Anjo da gravidez dela logo partiu, pensando ir visitá-la e assistí-la nos incômodos daquele estado. Partiu imediatamente, e depressa como diz o Evangelista, embora o caminho fosse tão longo e difícil, tanto era o seu desvelo em ajudar aquela necessitada, e sua caridade para com ela. E quando chegou, ficou não um, dois ou três dias, mas três meses contínuos assistindo-a nas suas necessidades" (104).

Concluamos estes acenos ao piedoso exercício mariano por excelência que é o Rosário, apresentando aqui o texto de uma oração a Nossa Senhora particularmente cara a Pe. Gaspar e por ele rezada todas as manhãs. Com o Rosário ela apresenta uma profunda analogia; enquanto parece orientada a impregnar da presença de Maria a vida de cada dia, que é oferecida a Deus com tudo que ela reserva, em união com os próprios méritos da mesma virgem e de Cristo. Hei-la: "Bom dia, Minha Mãe, dai-me a vossa bênção. Abençoei a mim e a esta minha casa. Dignai-vos entregar a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e sofrer, em união aos vossos méritos e aos do vosso santíssimo Filho. Ofereço-vos e

vos dedico todo o meu ser e tudo o que me pertence, entrego à vossa disposição para servir-vos, pondo inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me, Senhora minha, pureza de mente e de corpo afim de que não faça, neste dia, coisa alguma que possa desagradar a Deus. Suplico tudo isto pela vossa Imaculada Conceição e pela vossa intata virgindade, real antes, durante e depois do parto"(105). Comenta o Pe. Stofella.: "Quem medita um pouco esta oração encontrará aí quase uma realização do conhecido Tratado da Verdadeira Devoção à Virgem de S. Luiz Grignon de Montfort... O "Bom dia" já está no espírito da total devoção a Nossa Senhora. Ela é a Mãe, a senhora da casa. Nós a saudamos diariamente como tal. As nossas ofertas e orações passam a Deus pelas mãos dela. Assim todas as nossas ações e sofrimentos, cada dia, unidos aos merecimentos dela e do seu divino Filho. Nós mesmos e as nossas coisas - mas todas - cada dia a serviço dela. Todo dia, cada um de nós, "tudo debaixo do seu manto". Não sei o que mais exija o santo de Montfort" (106).

III PARTE

O SACERDOTE E A ORAÇÃO

Quando anuncia o princípio fundamental que "a oração é como a vida da nossa vida e a alma da nossa alma; é como a respiração", Pe. Gaspar está falando a um auditório de sacerdotes, em uma instrução que faz parte dos Exercícios espirituais pregados ao clero da diocese (107).

Isto não significa, certamente, que aquele princípio valha só para os sacerdotes, ou para quem escolheu urna vida de consagração especial. Já foi visto como Pe. Gaspar apresenta também aos leigos o ideal da oração contínua (108) e, em vista disto justamente, ele não receia propor aos jovens do Oratório um programa bastante exigente de exercícios de piedade, compreendida a meditação cotidiana (109).

Mas é também verdadeiro que para os sacerdotes aquele princípio tem uma relevância toda particular, devido a peculiaridade da sua vida e da missão a que são chamados. Pe. Gaspar esclarece quando, depois de haver proposto o principal, continua: "Isto convém maximamente aos sacerdotes....: porque sendo de Deus os negócios que tratam, é preciso executá-los seguindo sua orientação, como o general faz com o príncipe. Esta orientação se pede com a oração freqüente que é uma consulta Deus" (110).

a) OS NEGÓCIOS DE DEUS

1. O SACERDOTE INSTRUMENTO DE CRISTO PARA A SALVAÇÃO DOS IRMÃOS

"Tudo o que se faz no ministério sagrado por vocação e consagração é Cristo que o opera de modo especial... É Cristo que batiza nos sacerdotes... Portanto o

homem adere à mão do primeiro operante como instrumento vivo e escolhido. Cristo é o primeiro e absoluto exemplar de toda perfeição, também sacerdotal. "Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo" (I Cor 4, 16). Cada sacerdote é como um carimbo sagrado no qual se deve reconstruir ao vivo a imagem de Jesus Cristo, de modo que por sua vez possa imprimí-la nos outros" (111).

Assim, com palavras inspiradas, Pe. Gaspar descreve a intimidade especial que une o sacerdote a Cristo no plano objetivo e institucional; isto é, em força dos ministérios específicos que fazem parte da vocação e da consagração sacerdotal. Daqui ele toma o ponto de partida para indicar quanto deve ser íntima e profunda a intimidade que o sacerdote é chamado a estabelecer com Cristo, a nível de esforço espiritual. "O sacerdote - prossegue Pe. Gaspar - proponha Jesus como "pondus cordis", centro do amor, meta de toda intenção. É marcado pelo caráter Dele, para que se reconheça transformando no Seu domínio especial em relação a todas as coisas. Seja o princípio, o meio e o fim da nossa devoção aquele que é o princípio o meio e o fim de toda graça, poder e função sacerdotal... Olhai-o sempre como caminho; procurai-o como verdade; amai-o como vida... Encontrai a água da vida, bebei, inebriai-vos aí. 'Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim" (Gal 2,20)" (112).

Em uma meditação dos exercícios ao clero de 1810 - depois de evocar o clássico ensinamento de S. Tomas que o sacerdote, em força dos seus específicos ministérios, é obrigado não só a tender à santidade, mas a possuí-la (113) - havia feito justamente, a respeito da oração do sacerdote, a peremptória afirmação de S. Gregório Magno: "Ninguém presuma chegar ao sacerdócio, sem ter adquirido na oração tanta familiaridade com Deus a ponto de poder forçá-lo à sua vontade, como Moisés e Elias" (114).

Portanto, união com Cristo ao ponto de tornar-se um com Ele como o instrumento com a mão que o usa; familiaridade com Deus ao ponto "de poder forçá-lo à sua vontade, como Moisés e Elias"; é com estas expressões que Pe. Gaspar marca o nível da intimidade divina a que deve chegar a oração do sacerdote, para que ele esteja à altura de tratar dignamente os negócios de Deus".

2. UNIÃO COM DEUS E MINISTÉRIO DA PALAVRA

Este discurso de Pe. Gaspar refere-se, obviamente, a todos os ministérios sacerdotais: uma vez que todos são, justamente, negócios de Deus. Mas parece merecedor de particular atenção o que ele ensina a propósito da correlação estabelecida entre oração e ministério da palavra.

"Quando não se reza bem, não se pode falar bem de Deus", anotou por sua vez no Memorial Privado (115). E ainda: "o modo de pregação - este pensamento encontra-se em uma das meditações aos sacerdotes - (a Igreja) o procura na contemplação" (116).

A segunda das duas Instruções sobre a 'União com Deus' feitas aos sacerdotes no contexto dos Exercícios - que estão indubitavelmente entre os textos mais ricos e melhores citados de Pe. Gaspar - é praticamente tudo centralizado sobre este tema da inseparável ligação que é colocada entre a contemplação e o ministério da palavra. O sacerdote, antes de tudo, "deve estabelecer para si um tempo de oração", que é como o lugar reservado todo para si"; o lugar que os pregadores têm como seu próprio é a íntima contemplação de Deus" (117). Procurará pois o sacerdote, ainda mais concretamente, de recorrer à oração "antes da ação"; "alternando à ação"; "no meio da ação" e "depois da ação". Antes sentirá a necessidade de realizar uma "oração contínua", "familiar com Deus" e "prática", capaz, isto é, de tornar-se "associada a todas as atividades e de ser inseparável companheira da vida" (118).

Pe. Gaspar que vê nos pregadores os "procuradores das núpcias" destinadas a unir as almas a Cristo Esposo (119), não deixa de valorizar amplamente neste contexto também a temática esponsal tão querida por ele. "Enquanto a alma eleita do pregador se esconde na contemplação secreta - escreve na citada Instrução sobre a União com Deus - é por assim dizer colocada no tálamo do Esposo. Quem pois a acorda, a tira do Esposo; porque evidentemente o repouso da alma eleita constitui o prazer não só dela, mas também do Esposo" (120). Naturalmente, a intimidade contemplativa com o Esposo representa para o ministro da palavra, não só um prazer espiritual, mas uma imprescindível necessidade; uma vez que sem ela arrisca tornar estéril o próprio ministério. "De quantos sacerdotes verifica-se esta esterilidade - lamenta Pe. Gaspar em uma das Meditações aos seminaristas... - Porque jamais se alimentam com a oração. 'Queimado como a erva, meu coração se murcha (porque) me esqueço de comer meu pão'. Áridos para si e para seus filhos. As mães que amamentam comem muito e são dispensadas do jejum, os sacerdotes morrem de fome, como poderão alimentar os filhos"- A ciência estufa os seios, a devoção os enche" (122).

3. "O QUE DE MENOS CUIDAM OS SACERDOTES É A ORAÇÃO"

Pe. Gaspar acena assim à crua realidade do fato que em tão larga medida se contrapõe ao quadro ideal por ele delineado. "O que os sacerdotes menos cuidam - assim nos exercícios de 1810 - é a oração; até mesmo caçoam dos livros de orações e daqueles que as praticam" (123). "Alguns sacerdotes entram na igreja para pregar, para celebrar Missa, para cantar, para acompanhar defuntos, para confessar: não entram e não param jamais para rezar, que é o dever mais importante" (124). "São raríssimos os que meditam nos nossos dias - prossegue Pe. Gaspar na sua denúncia - e facilmente ainda caçoam, e chamam de beatos os que fazem este exercício" (125).

"Oração, meus caros eclesiásticos! - proclama solenemente em uma das Meditações feitas no seminário - Meditar durante a semana, para que saibais como portar-se na casa de Deus" (126). "Fazei-nos muito querida, ó Senhor, a escola da oração - assim convida à oração os seus ouvintes do seminário - na qual vós mesmo sois o Mestre. A razão humana, a ciência é muito tímida e incerta; no nosso ministério é necessário a vossa luz" (127). Um pouco mais adiante, na mesma

Meditação, Pe. Gaspar apresenta abertamente os resultados positivos que o sacerdote tira da "escola da oração": "Um pastor, um homem de oração, nada mais faz que ir ao encontro das coisas conforme o Senhor dispõe com sua Providência. Não previne, não precede; tudo é ordem, tudo tranquilo. Não é precipitado, não apressado; aguarda o tempo, as circunstâncias; tudo isto seguindo a Deus. Para conseguir estas luzes que certificam, confirmem, completam o conhecimento sobre a escolha divina, é necessário nos prelados grande oração" (128).

b) COMO "LEVAR A ESCADA" NÃO SÓ PARA OS OUTROS

1. O EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO DEVE ANTES DE TUDO SANTIFICAR O SACERDOTE

Os "negócios de Deus" confiados ao sacerdote são destinados a realizar a salvação e a santificação não somente dos fiéis, mas também, e antes de tudo, do próprio sacerdote que cuida deles (129). E é justamente para garantir em primeiro lugar esta eficácia santificadora em relação à sua própria pessoa que se exige do sacerdote um esforço de união com Cristo e de familiaridade com Deus particularmente elevado, como o do "general com o príncipe". Certamente, também, a fecundidade do ministério sacerdotal em relação à santificação dos fiéis está intimamente ligada segundo Pe. Gaspar, à presença de uma forte carga de contemplação no sacerdote; como foi visto no parágrafo precedente. Mas enquanto em relação aos fiéis, quando estes estão bem dispostos, uma certa eficácia é garantida, seja como for, pela própria natureza dos ministérios - que são, justamente, "negócios de Deus", em posse de um valor santificante objetivo; sobretudo a Palavra de Deus e os Sacramentos - em relação aos sacerdotes ao invés o exercício indigno dos mesmos ministérios resultariam totalmente infrutíferos, quando não diretamente sacrílego e danoso.

É este um motivo com muita insistência desenvolvido por Pe. Gaspar; e que lhe dá oportunidade de ilustrar também mais profundamente a especial ligação existente entre a vocação sacerdotal e a oração.

Naquela mesma Meditação dos exercícios em que ele deplora o fato que entre os sacerdotes "raríssimos são os que meditam em nossos dias" (130) ele faz sua denúncia de S. Agostinho contra os "Fabricantes da arca, (que) enquanto salvam os outros ficam fora" (131). "Cuidando dos outros durante toda sua vida - prossegue Pe. Gaspar - desleixam-se de si mesmos e deixam de confessar-se por muitos meses e anos. Eles estão cheios de vícios contando sobre as virtudes alheias" (132). E ainda sobre o mesmo assunto: "Engano fatal do demônio, é este, muito comum e que engana muitos sacerdotes a confessar; confiar ter feito muito bons os penitentes, tê-los mudado de pecadores a grandes santos, pregando e confessando muito; e engana os clérigos fazendo-os engendrar grandes projetos de santificar muito os outros com estudos. Mas o que adianta?... Salvemos nossa alma, e depois pensaremos em salvar a dos outros" (133). Sempre no assunto de confissão, Pe. Gaspar não teme manifestar suas perplexidades em relação ao comportamento incoerente de certos sacerdotes com um linguajar bastante cru,

tomando base de uma outra comparação eficaz: "A vida (de muitos leigos) é imaculada enquanto a vida de muitos eclesiásticos muitas vezes é muito suja, tanto que alguns limpando os outros dispensando os sacramentos, principalmente da confissão, mancham-se a si mesmos, semelhantes aos limpa-chaminés; muitas vezes é tão suja que sujam os mesmos sacramentos os que se achegam a eles" (134).

O perigo de incongruência que pode apresentar-se no exercício da confissão, Pe. Gaspar denuncia também a propósito do ministério da palavra, se este é feito aos outros sem a necessária bagagem espiritual. Eis uma outra comparação ainda, especialmente apresentada: "A Escritura é uma escada para chegar a conhecer a Deus por meio da fé. Não é preciso ater-se à letra, mas chegar até o espírito... Quantos sacerdotes levam o material da letra para edificar as casas dos outros! Enquanto o povo edifica no espírito sobre a letra, o sacerdote permanece na letra inteiramente afastado do espírito. Levam a escada, os outros sobem; eles ficam sempre em baixo, como os diretores de S. Teresa" (135).

2. A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA, FONTE PRINCIPAL DE SANTIDADE SACERDOTAL

Em principalmente em relação à Eucaristia que Pe. Gaspar acentua a exigência, para o sacerdote, de valorizar, acima de tudo, para, o próprio proveito espiritual os "negócios de Deus" de quem é administrador.

Já vimos o que significava pessoalmente a Eucaristia para Pe. Gaspar (136). Falando sobre este assunto aos sacerdotes, ele não podia não colocar-se na ótica pastoral de quem se preocupa que o ministério da Eucaristia seja oferecido aos fiéis do modo mais digno e convincente. Mas justamente à luz desta insistência pastoral ele sente a obrigação de apelar aos sacerdotes para uma intimidade especialmente verdadeira e íntima com o Cristo Eucarístico, que permita-lhes de, por primeiro, atingir naquela incomparável fonte a carga do fervor espiritual.

O sermão sobre a Missa preferido por Pe. Gaspar aos sacerdotes - tem a propósito uma longa Instrução sobre a Missa dos exercícios ao clero (137) - contém numerosos acenos pastorais, e mesmo jurídico-morais, de extrema e até mesmo rude solidez, como quando ele previne sobre a celebração "com sacramentos sujos, com roupas seculares; uma missa em doze minutos!.. sem preparação, conversando, olhando, etc., até o altar!" (138). Ou quando insiste sobre a pureza necessária para chegar-se ao S. Sacrifício - "há os que conservam o ídolo do interesse, do ventre, da prática (ou seja uma relação ilícita)" (139) e portanto sobre a necessidade de tomar a sério o esforço da purificação, até mesmo com uma boa confissão (140). Ou ainda quando defende e inculca - com uma quantidade impressionante de argumento histórico-teológicos - a prática da celebração eucarística diária (141).

Mas além de tudo isto Pe. Gaspar insiste sobretudo sobre as disposições espirituais exigidas para a celebração Eucarística, e portanto sobre os frutos

espirituais dela derivados. "É necessária sem dúvida, uma disposição divina para poder receber um alimento divino; uma vida regulada de tal modo que seja divina e sobre-humana, radicalmente oposta à mundana e carnal" (142). Por outro lado, uma vez que o sacerdote se esforça para chegar ao altar com estas disposições, receberá em si com tal abundância os frutos da Eucaristia que se tornará "transformado em Deus, semelhante a Ele pelo amor" (143). Sua vida então "separada das criaturas e unida a Deus somente; só Deus o ocupará sua mente e sua vontade, só Deus estará presente nas suas conversações, só Deus nas suas ações. Não há mais nada nele que recenda a mundo, que transpire carne ou sentidos; combate o egoísmo, crucifica o corpo com uma constante mortificação; despreza as riquezas, refugio as honras, goza por ser ignorado pelo mundo e considerado um nada" (144).

Dir-se-ia que ao descrever a riqueza dos dons espirituais resultantes ao sacerdote por uma digna celebração da Eucaristia Pe. Gaspar deixava-se levar um pouco pelo lirismo... Na realidade ele tem nos ombros não somente uma sólida tradição teológico-espiritual à qual recorre freqüentemente, mas também uma viva e louvável experiência pessoal, os testemunhos do Memorial Privado nos mostram como verdadeiramente a Eucaristia fosse para Pe. Gaspar "a fonte de graças e de dons celestes que parecia transformá-lo em outro homem" (145), são praticamente contemporâneos à preparação dos Exercícios para o clero: e claramente se vê!

c) EMPENHO DE COERÊNCIA ENTRE O DIZER E O FAZER

1. CULTURA E PIEDADE NO SACERDOTE

"A ciência estufa os seios, a devoção os enche" e "a razão humana, a ciência é muito tímida e incerta; em nosso ministério é necessário a luz (de Deus)" (146). É este um outro ponto - já acenado acima - que constitui um dos temas sobre o qual, Pe. Gaspar insiste mais, falando da oração aos sacerdotes e aos clérigos. A experiência o ensinou - e de experiência neste campo Pe. Gaspar teve muita, primeiro como padre espiritual no seminário e depois como examinador das vocações eclesiais - que os ministros da Igreja são particularmente tentados pelo perigo de certo intelectualismo e culturalismo, que ameaça atrofiar o ímpeto espiritual para com a autêntica, e profunda intimidade com Cristo. O perigo é tanto mais insidioso enquanto que a curiosidade intelectual e o esforço cultural podem apresentar-se como honrado álibi; capaz de atribuir ao sacerdote, mesmo se pobre de valores espirituais, um verniz de respeitabilidade e uma aparência de capacidade profissional de alguma forma apreciável aos olhos dos fiéis.

A denúncia de Pe. Gaspar a este propósito é implacável. "Os que são ousados ou curiosos nos raciocínios e fáceis em discorrer sobre estes mistérios - assim em uma Meditação sobre os sinais da vocação - saibam que estão inteiramente indispostos para serem chamados a um ministério, que exige mais adoração que palavras e raciocínios" (147). "Eis a grande filosofia do cristão - insiste nos exercícios ao clero. - E o sacerdote ao invés de estudar esta filosofia na oração a procura nos livros dos mundanos, heréticos e cismáticos" (148) .

Obviamente, sobre este argumento é necessário esclarecer bem a disposição autêntica de Pe. Gaspar. Já foi mostrada nestes "Saggi" a sua paixão pela cultura e o esforço empregado na formação dos seus estudantes em todos os ramos da ciência, mesmo profana (149). Nos Exercícios ao clero Pe. Gaspar recomenda a aplicação ao estudo, juntamente com a assiduidade na oração, justamente com a finalidade de preparar-se na medida mais adequada ao ministério; além de ocupar bem o próprio tempo, fugindo da mordaza do ócio, e para exercitar-se na necessária mortificação dos sentidos (150). O que Pe. Gaspar teme para os sacerdotes, e contra o que os previne, não é pois a curiosidade intelectual, o estudo, o saber, mas como dirá em uma carta a L. Naudet, o "saber mal, que é haver perdido o bom gosto" (151). Porém, desde que este "bom gosto" esteja estreitamente ligado com a procura da "glória do Senhor, que é o seu autor" (152), aparece claro que o saber mal significa principalmente, para Pe. Gaspar, a presença no saber de certos elementos poluentes como o orgulho, a presunção, a superficialidade, a busca egoística do próprio interesse... É em relação a este "saber mal" que Pe. Gaspar explode a sua severa condenação.

A conseqüência mais grave do "saber mal" é reconhecida por Pe. Gaspar em certa "duplicidade por hipocrisia", que leva o sacerdote a ser "um no púlpito, outro na praça; um no confessionário, outro na conversação; um no altar, outro na mesa" (153). Para impedir este grande perigo - e sabemos que não era só naqueles tempos: a tentação de "pregar bem e esgaravatar mal" deturpa como uma espécie de deformação profissional a figura do padre em qualquer tempo - Pe. Gaspar exorta os sacerdotes e os clérigos a serem "fiéis com a mente e com as obras como Abraão, prudentes para conhecer... justos, fortes, temperantes como os Patriarcas. Não basta pois, a ciência moral e teológica, humana e divina: são necessárias virtudes humanas e divinas, morais e teológicas. "Quem faz - não quem sabe - a vontade do meu Pai... este para mim é meu irmão, minha irmã e minha mãe" (154).

É sobretudo a fidelidade à oração que segundo Pe. Gaspar constitui a arma vencedora contra a "duplicidade pela hipocrisia" e contra o intelectualismo e o culturalismo que são suas raízes. O remédio à "ciência que estufa" está na "devoção" que nutre e enche verdadeiramente os seios do espírito.

2. "NÃO BASTAM BELOS PROJETOS: SÃO NECESSÁRIAS OBRAS"

Ser fiel à oração quer dizer em primeiro lugar, naturalmente empenhar-se na observância de um programa de exercícios de piedade, conveniente à condição de cada um: o qual para os sacerdotes já está substancialmente fixado pela tradição e pela lei da Igreja. Acima já foi visto com que intransigente firmeza Pe. Gaspar insista nesta primeira exigência (155).

Mas não é suficiente. Ele sabe bem que a cilada da "duplicidade" pode aninhar-se também no íntimo do próprio esforço espiritual, sob forma de um resíduo sutil de intelectualismo capaz de esterilizar, mantendo-o alheio às concretas instâncias da vida. Até mesmo um sincero e generoso programa de orações. No

primeiro retiro ao Colégio dos Acólitos, depois de haver lembrado àqueles clérigos a necessidade de estabelecer um rigoroso horário cotidiano para os diversos exercícios de piedade - "meditação de manhã, oração vocal, leitura da Escritura, constituições, vida dos santos, livros que tratem da vocação eclesiástica, exame de consciência toda tarde" (156) - acrescenta: "Não nos basta ter ouvido, não nos bastem os belos projetos na cabeça; não nos baste também um método por escrito. São necessárias obras!" (157).

Aflora assim, nesta colorida e eficaz expressão, a exigência que está bem no fundo de toda a pregação bertoniana sobre a oração: isto é, que a oração seja verdadeiramente "a vida da nossa vida, e a alma da nossa alma... principalmente para os sacerdotes, porque sendo de Deus os negócios que eles tratam, é preciso cumpri-los conforme a sua direção".

NOTAS

Abreviaturas e siglas:

PVC = Pagine di Vita Cristiana, Vicenza 1947 (Pregações da juventude de Pe. Gaspar, preparada pelo Pe. Giuseppe Stofella).

MP = Memorial privado de Pe. Gaspar, preparado pelo Pe. G. Stofella, Collectanea Stigmatina, IV, p. 1-205.

EP = Epistolário Bertoni; preparado pelo Pe. G. Stofella, Verona, 1954.

CF = Costituzioni dei Fondatore, preparada pelo Pe. G. Stofella, Verona, 1950.

SA = Summarium additionalis alla Positio super virtutibus, preparado pelo Pe. G. Stofella, Roma, 1960.

"Positio" = Positio super virtutibus, vol. II.

BERTONI = Os cinco volumes do Pe. NELLO DALLE VEDOVE até agora publicados sobre a vida de S. Gaspar Bertoni. Serão indicados vez por vez os números do volume e a página.

...

001. S1 118, 131 (segundo a Vulgata): "Abri minha boca e aspirei e atraí a mim teu espírito". "Esercizi agli Ecclesiastici, Istruzioni", MS 3412; Bertoni 3, p. 708 no original; latino; Bertoni. 4, P. 134 na versão italiana. O versículo 131 do SI 118 retorna muito freqüentemente à pena de Pe. Gaspar.

002. SA, p. 506.

003. Significativo, a propósito, o que é dito no documento da S. Sé, "A dimensão contemplativa da vida religiosa" (12 de agosto de 1980, no n. 5, sob o título de "A oração renovada": "Nestes tempos de apostolado renovado... o lugar de privilégio é dado à contemplação de Deus, à meditação do seu plano de salvação e reflexão sobre os sinais dos tempos à luz do evangelho... Assim a oração, aberta às realidades de criação e da história, se converte em reconhecimento, adoração e louvor constante da presença de Deus no mundo e na sua história; eco de uma vida solidária com os irmãos, principalmente com os pobres e sofredores".

004. Para os pormenores desse problema cf Bertoni 3, p. 418-419.

005. S. Agostinho, "Confissões", L. X, c. 29: "Dê o que manda e mande o que quiser".

006. Ep., p. 31. A carta é de l.º de dezembro de 1812.

007. NAUDET L., "Giornale", MS f. 97; Bertoni 3, p. 418.

008. Sir 18, 22 (segundo a vulgata): "Nada te impeça de rezar sempre"; Lc 18, 1: "É necessário rezar sempre, sem se cansar"; 1Ts 5, 17: "Rezar sem cansar".

009. Rm 8, 22: "O Espírito socorre sempre a nossa fraqueza".

010. Lv 6, 6: "O fogo deve permanecer sempre aceso sobre o altar".

011. EP., p. 34 s. Data provável da carta: 5 de dezembro de 1812.
012. Id, p. 44. Carta de 21.12.1812.
013. SA, p. 188.
014. SA, p. 331.
015. MP, p, 65, anotação de 13 de outubro de 1808. Seria o caso de lembrar aqui a tentação de Pe. Gaspar voltada para o ministério da habitação da SS. Trindade na alma em graça. A pregação juvenil para a festa da "Transladação da S. Casa de Loreto" - feita em S. Paulo aos 13 de dezembro de 1801 - é um pequeno tratado teológico-espiritual sobre este argumento (PVC, p. 301 ss.). Na primeira das duas "Instruções sobre a União com Deus", dos Exercícios aos Eclesiásticos, Pe. Gaspar assim se exprime: "O Espírito Santo habita na alma do seu amigo para unir-se a ele intimamente, e nela como em seu templo mora, é venerado, amado, adorado" (MS, 3396).
016. MP, p. 184, anotação de 30 de setembro de 1812.
017. Id.
018. Naudet L., "Giornale", f. 45. Merece ser salientada a afinidade entre esta fórmula que expressa o sujeito do exame particular proposto por Pe. Gaspar à Naudet, e uma passagem do "COMENTO AL I LIBRO DEI RE" do Pseudo-Gregório citado na 14a. Meditação feita no seminário naquela época. Eis a passagem na versão brasileira: "Caminhar na presença de Cristo, para cada um dos eleitos, considerar-se sempre sob o olhar do Redentor e fazer aquilo que sabe ser do seu agrado. Ou: Caminha certamente na presença de Cristo aquele que em tudo o que faz tem sempre o olhar voltado para Ele, e para Ele orienta, a reta intenção da própria vida. (In I Regum, L. II, c. II, n. 41). Sobre a dúplici e contemporânea utilização desta passagem feita por Pe. Gaspar - para a 14a. Meditação no seminário (20 de janeiro de 1811), e para o sujeito do exame particular proposto a L. Naudet - cf as interessantes observações do Pe. Stofella na "Collectanea Stigmatina" IV, p, 176 s. ; Bertoni 3, p. 218.
019. EP., p, 68: carta de 28 de fevereiro de 1813.
020. MP, p. 95: anotação de 04 de janeiro de 1809.
021. Id.
022. "Summa Theol.", II . II., 160, 166,169. Para inserir esta sessão no seu texto constitucional Pe. Gaspar interrompe a fidelidade, quase literal, às regras da Companhia de Jesus, e se inspira ao contrário, autonomamente à Suma de S. Tomás. 023. MP, p, 62: anotação feita aos 10 de outubro de 1808. Para o dom das lágrimas ver mais adiante, p. 19-v.
024. SA, p. 188. Id., p, 133.
025. EP., p. 222. O Santo aqui mencionado por Pe. Gaspar é Santo Inácio de Loyola.
026. MP, p. 17: anotação de 12 de junho de 1808. Na "Istruzione II sulla Unione com Dio" Pe. Gaspar propõe aos sacerdotes este exemplo: "S. Gregório Magno dava aos seus fiéis o exemplo de não descuidar do cuidado com o próximo pela contemplação; nem de abandonar o estudo da contemplação por uma dedicação imoderada no cuidado para dom o próximo". (MS 3407; Bertoni 3, p. 708).
027. PVC, p. 204; Bertoni, p, 146-151.

028. Esta correspondência teve início aos 16 de novembro de 1812 - depois da grave enfermidade que impediu Pe. Gaspar de ir pessoalmente ao Retiro Canossa, como fazia há quatro anos - e terminou no dia 17 de agosto de 1834, no mesmo dia da morte da piedosa Fundadora. Com suas 189 cartas, constitui a parte mais relevante do Epistolário de Pe. Gaspar.
029. Os contatos pessoais entre os moradores do Retiro Canossa e Pe. Gaspar, depois da enfermidade acima mencionada, aconteciam na casa onde ele morava, perto de S. Firmo.
030. EP., p. 50.
031. Id., p. 49.
032. Id., p. 81 .
033. Id. , p. 70.
034. EP. , p. 66; p. 56-57; p. 28-29, etc.
035. SI 25, 15: "Tenho meus olhos sempre fixos no Senhor, porque ele livrará do laço os meus pés". - SI 1, 2-3: "Se compraz na lei do Senhor... - todas suas obras prosperarão; EP., p. 111: carta de 4 de junho de 1814. - O aceno "ao coração do Rei" refere-se, provavelmente a certas práticas que L. Naudet mantinha junto da Corte imperial de Viena (cf nota de Pe. Stofella, id.).
036. EP. , p. 66: carta de fevereiro de 1813.
037. Id. , p. 48 ss.: carta de 9 de janeiro de 1813.
038. Id. , p. 113: carta de 5 de junho de 1814.
039. Id. , p. 59. carta de 31 de janeiro de 1813. Não devem espantar os problemas de ortografia italiana, devido a origem francesa das duas cultas senhoras, que porém, conheciam muito bem o latim.
040. S. Teresa de Jesus descreve pormenorizadamente o fenômeno místico do "vôo do espírito", colocado por ela ao nível "delle sete Mansioni", ou seja da oração de união estética (Castello Interiore, Seste Mansioni, c. 5, 1 e 6, opere, Roma 1969, p. 887 a 893; cf também Vita, 18, 7, P. 173). Salientar pelos escritos da santa como se verifica tal fenômeno: "Como a alma está repleta de amor, basta, uma pequenina ocasião que estimule seu ardor para fazê-la voar" (o. c., p. 893). É sobretudo pela presença de tais características que julgamos poder qualificar como "vôos" do espírito" os arrebatamentos improvisos para Deus experimentados por Pe. Gaspar. Mas não temos nenhuma pretensão de dar com isto uma classificação científica de tais fenômenos.
041. Imitação de Cristo, L. III, c. 36: "Meu Deus, meu tudo". EP., p. 46-47.
042. EP. , p. 53 . 54; carta de 15 de janeiro de 1813.
043. Bertoni, 3, p. 515 ss.
044. EP. , p. 96.
045. Id.
046. EP. , p. 319 s.: carta. de 29 de maio de 1840.
047. EP., p. 323 s.: carta de 26.09.1840. Cf. também EP. , p. 28 s. , p. 87.
048. SA, p,124.
049. Id.
050. SA, p. 515.
051. Id.
052. SA, p. 189; CP 47.
053. SA p. 507.

054. Cf FURLANI G., "La parola di Dio", Ensaios sobre o Espírito do B. Gaspar Bertoni, 1.
055. Lc 24, 49: "Permanecei na cidade, até que sejais revestidos da força do alto".
056. Ep. , .P, 105 s.: carta de 26 de janeiro de 1814.
057. Cant 2, 4: "Introduziu-me num celeiro, e o seu estandarte, que levanta sobre mim, é o amor".
058. EP. , p. 56 s.: carta. de 26 de janeiro de 1813.
059. MP, p. 74: anotação de 16 de novembro de 1808.
060. S. Teresa, "Castello interiore, Settime Mansioni, c. , 4, n, 6, p. 958.
061. "Esercizi agli ecclesiastici, Istruzioni, Bertoni 3, p. 314 -32l.
062. EP. , p. 71: carta de 4 de março de 1813.
063. EP. , p. 75: carta de 6 de março de 1813.
064. S. Inácio, Esercizi spirituali, notas introdutórias, 2, c; Ed. Paoline1984, P. 37.
065. EP. , p. 73: carta de 6 de março de 1813. Na citada Instrução sobre a Meditação, Pe. Gaspar apresentou também aos sacerdotes a clássica imagem dos navios e da velas: "Os homens espirituais que cuidam da oração, não devem ser como os navios de alto bordo, que não podem navegar senão com vento, mas como galeras que navegam com vento e com remos; e quando falta-lhes vento próspero da divina inspiração, devem navegar com o remo das suas forças, ajudados pelo divino fervor, embora não seja tão sensível. E este modo de rezar costuma ser mais frutuoso, ainda que não seja, tão agradável" (MS 3152; Bertoni 3, p. 318, nota 237).
066. MP, p. 35: anotação de 17 de agosto de 1808.
067. SA, p. 332.
068. Positio, p. 129.
069. SA , p. 441e p. 189; Positio, p. 124.
- 069^a MP, p. 60-61: anotação do dia 9 de outubro de 1808 que traz o registro de S. Dionísio e da Maternidade da Virgem Maria. Era o aniversário de Pe. Gaspar, que tinha como terceiro nome de batismo, o de Dionísio.
070. MP, p. l6.
071. Id. , p. 72. Anotações análogas encontram-se no MP, p. 71, (23 de outubro de 1808; p. 82 (4 de dezembro de 1808); p. 84 (11 de dezembro de 1808); p. 96 (11 de janeiro de 1809).
072. MP, p. 82.
073. Id. , p, l2.
074. Id. , p, 62.
075. Id. , p. 183: v. mais adiante.
076. Id.
077. SA, p. 332. Sobre toda a temática tratada neste parágrafo c. DALLE VEDOVE N. , "Un Modello di santo abbandono", Verona, 1951, p. l19-196.
078. V. mais adiante, p. 51.
079. V. aqui acima, p. 20.
080. MP, p. 26.
081. Id. , p. 43.
082. Id.
083. Positio, p. 127; id. , p. 123; SA, p. 331.
084. SA, 1 . c.

085. Positio, p, 135.
086. Positio, p. 121.
087. SA , p. 332.
088. Id.
089. Tal destinação das Horas do Ofício divino para santificar os principais momentos do dia torna-se hoje, ainda mais evidente, depois que a reforma conciliar, devolvendo-nos aquela oração como “Liturgia das Horas”, reestruturou profundamente os textos que a compõem, com o critério de salientar ainda mais que antes, a característica própria de cada uma das Horas: porisso as Laudes são apresentadas verdadeiramente como oração da manhã, as Vésperas como oração da tarde, etc.
090. Positio, p, 123.
091. Collectanea Stigmatina III, p. 195.
092. SA, p. 512.
093. EP. , p. 276: carta de 1813.
094. SA , p. 348 s. e p. 147.
095. Id., p, 132.
096. MP, p. 71: anotação de 24 de outubro de 1808.
097. EP. , p. 345: súplica de Pe. Gaspar ao Papa, do ano de 1844. Os textos das orações estão contidos em um fascículo impresso por Pe. Gaspar com o título “Divozione alla Passione ed alle Sacrossante Piaghe del Redentore”, Verona, 1824. A origem imediata dessa cerimônia foi atribuída pelo mesmo Pe. Gaspar a uma “exortação e impulso do Bispo” (súplica citada); e o fato é confirmado por um documento do Arquivo: “Todas as sextas-feiras, uma hora antes da tarde era aí celebrada uma cerimônia chamada de BOA MORTE, instituída nesta igreja por ordem do falecido , Mons. Vigário Dionisi” (SA, p. 61-62). Efetivamente quando foi reaberta ao culto a igreja dos Estigmas o Ordinário pediu a Pe. Gaspar que providenciasse a instituição, como já se fazia em outras igrejas da cidade, de um curso semanal de instrução bíblica, também para suprir a falta de tal curso na Catedral. Isto explica, entre outras coisas, a escolha de temática proposta normalmente na meia hora de meditação (Bertoni 4., p. 272-274). Mas o caráter de pio exercício em honra da Paixão e das cinco Chagas que revestia aquela função, faz pensar que sua origem remota tenha ligação de algum modo com uma tradicional celebração feita pela Confraternidade da Boa Morte, que tinha sido instituída para o culto das Cinco Chagas pelo Ven. Vincenzo Carafa em Roma, em 1648; celebração que depois foi inserida no programa espiritual de muitas Congregações Marianas (cf Bonetti I. “Le Stimmate della Passione”, Rovigo 1952, p. 212). Tem-se confirmação no fato que o documento do Arquivo acima citado apresenta aquele pio exercício como “função da Boa Morte”.
098. Cf. Bertoni 4, p. 275.
099. MP, p. 62: anotação de 11 de outubro de 1808.
100. O Pe. Stofella, referindo-se ao fato de que o Rosário não está elencado expressamente entre os exercícios de piedade cotidianos prescritos por P. Gaspar nas constituições, faz esta observação: “Não é citada aqui a recitação cotidiana do terço, sempre muito praticada, especialmente então, também nas famílias cristãs. A omissão talvez provenha do fato que tal prática a um

religioso vem por si mesma” (CF 67, nota 47). Notável a pregação juvenil de Pe. Gaspar sobre o S. Rosário: MS 1323-1397, ilustrada em Bertoni 2, p. 563-567.

101. SA p. 188.
102. V. aqui acima na p. 25.
103. SA, p. 145.
104. Id. , p. 144.
105. MP, p. 170: anotação de 24 de maio de 1810.
106. Id. A consonância da inspiração salientada pelo Pe. Stofella entre esta oração - embora não composta por Pe. Gaspar, mas por ele transcrita e usada habitualmente - e o “Trattato deita vera devozione” é particularmente significativa: enquanto que o tratado do Montfort não era ainda conhecido do público quando Pe. Gaspar escreveu o seu Memorial Privado. Composto no início de 1700, aquele Tratado foi editado só em 1842.
107. V. aqui acima, nota 1.
108. V. aqui acima, p. 7.
109. Positio, p. 127.
110. “Esercizi agli Ecclesiastici, Istruzioni”, MS 3413; Bertoni 3, p. 708.
111. Id. , MS 3426-3427; Bertoni 4, p. 135.
112. Id. , MS 3428; Bertoni 4, p.135. O original de todos estes textos é em latim. Servimo-nos da tradução do Pe. Nello Dalle Vedove.
113. “Summa Theol.”, II . II, 184. 8. Bertoni 3, p. 135-136.
114. “Esercizi agli Ecclesiastici, Meditazioni”, MS 2282. O texto encontra-se na “Regula Pastoralis” de S. Gregório Magno, P. I, c, 10; cf. Bertoni 3, p, 137. Trinta anos depois, escrevendo ao Pe. Bragato, Pe. Gaspar citará ainda este importante texto de S. Gregório: “.Prestai atenção e colocai em prática - a carta é de 27 de agosto de 1840 - aquele grande aviso de S. Gregório Magno: que um sacerdote deve entrar muito na presença e familiaridade com Deus, que possa confiar na necessidade de dobrar a Deus à sua vontade. É certo que ele prometeu: “Ele satisfará, o desejo dos que o temem” (SI 144, 19). Humildade e confiança, oração e diligência, fé e paciência, amor e devoção, eis o importante, e Deus faz o resto também” (EP, p. 321).
115. MP, p. 103: anotação de 4 de fevereiro de 1809.
116. “Meditazione 5^a in Seminário”, MS 4960; Bertoni 3, p. 189, nota.
117. “Esercizi Ecclesiastici, Istruzioni”, MS 3402, o texto citado é do Pseudo-Gregório, “In L. I Regum”, 9,11; Bertoni 3, p. 708.
118. Id., MS 3404-3416.
119. PVC, p. 225-234, Predica XXV: L’Avvento di R. S. G. C. , de 9 de dezembro de 1804.
120. “Esercizi agli Ecclesiastici, Istruzioni”, MS 3405; Bertoni 4, p. 134.
121. SI 102, 5: “Queimado como a erva, meu coração murcha (porque) me esqueço de comer meu pão”.
122. “A ciência estufa o peito, a devoção o preenche”: “Meditazione 3^a, in Seminario”, MS 4881; Bertoni 3, p, 184.
123. “Esercizi agli Ecclesiastici, Meditazioni”, MS 2223; Bertoni 3, P.137.

124. Id. , MS 2489; Bertoni 3, p, 146.
125. Id. , MS 2249-2250; Bertoni 3, p, 129
126. ITm 3, 15: “Para que saibais como portar-se na casa de Deus”. “Meditazione 5ª, in Seminario”, MS 4962; Bertoni 3, p.189.
127. “Meditazione 32ª in Seminario, MS 6183; Bertoni 3, p. 285, nota 185.
128. Id. , MS 6192; Bertoni 3, p. 285.
129. Significativa a afirmação do Vaticano II, que exprime a fórmula específica da espiritualidade sacerdotal: “Os Sacerdotes atingirão a santidade da maneira que lhes é própria se exercerem suas funções sincera e infatigavelmente no espírito de Cristo” (presbiterorum ordinis, 13).
130. Veja aqui acima, p. 31.
131. “Esercizi agli Ecclesiastici, Meditazioni”, MS 2242, o texto citado é de S. Agostinho, Sermo 361, 20,19.
132. Id.
133. Id.
134. Id, MS 2240; Bertoni 3, p. 128.
135. “Meditazioni 1ª, in Seminario”, MS 4859; Bertoni 3, p. 175.
136. “Esercizi agli ecclesiastici, Istruzioni, MS 3438-3519.
138. Id. , MS 3454.
139. Id, MS 3451.
140. Id. , MS 3473 ss.
141. Id. , MS 3480-3499; cf. Bertoni 3, p. 710.
142. Id. , MS 3471.
143. Id. , MS 3470.
144. Id. , MS 3472.
145. V. aqui acima, p 19.
146. V. aqui acima, p. 31.
147. “Meditazione 10a, in Seminario”, MS 5150; Bertoni 3, p. 205.
148. “Esercizi agli Ecclesiastici”, MS 2257; Bertoni 3, p. 132.
149. BREGANTINI G. , “La sensibilità dei B. Gaspare Bertoni”. Saggi sullo spirito, n. 4, p. 57-59.
150. Esercizi agli Ecclesiastici, Istruzioni, MS 3604-3605; Bertoni 3. P. 185.
151. EP. , p. 75; carta de 6 de março de 1813.
152. Id.
153. “Meditazione 3ª in Seminario”, MS 4896; Bertoni 3, p. 185.
154. Mt 12, 50: “Quem faz - não quem sabe - a vontade de meu Pai... este para mim é meu irmão, minha irmã e minha mãe: “Meditazione 2ª in Seminario”, MS 4877; Bertoni 3, p.184.
155. V. aqui, acima, p. 15 e 33.
156. “Ritiri agli Accoliti, MS 4453-4455; Bertoni 3, p. 181.
157. Id.